

Coreografia do Reino do Algarve

*dividida em quatro livros por declaração da obra
escrita pelo R. P. Frei João de S. José
da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho da
Provincia de Portugal no ano de 1577.*

LIVRO I	2
Capítulo 1.	3
Capítulo 2.	5
Capítulo 3.	8
Capítulo 4.	12
Sagres	15
Lagos	15
Alvor	19
Vila Nova	19
Silves	20
Alagoa	22
Albufeira	22
Alcantarilha	22
Farão	23
Loulé	23
Estoi	24
Tavira	25
Cacela	30
Arenilha	30
Castro Marim	30
Azinhal	31
Alcoutim	32
LIVRO II	35
Capítulo 1.	36
Capítulo 2.	38
Capítulo 3.	40

LIVRO I

***Que contém a descrição geral do reino do Algarve
e de todas as cidades, vilas, fortalezas e outros
lugares em particular***

Capítulo 1.

Da grandeza dos reinos dos Algarves daquém e dalém em África que os Reis de Portugal possuem em particular, que é ~ua parte da nossa Lusitânia.

Este nome Algarve é arábigo e não muito antigo, o que parece por Estrabão, Ptolomeu, Mela e Plínio e por todos outros escritores e geógrafos mais modernos, nenhum dos quais nas suas escrituras, em que compreenderam o universo, fizeram menção dele; pelo que está claro ser moderno e dos tempos em que os Mouros conquistaram e possuíram este reino, como os são também alacil, almexal, alboção, alcaria e outros muitos que no mesmo reino, como estes, correm e se usam. E sabemos de certo haverem-se-nos pegado da mesma gente e língua e herdamos-los deles com a terra, pela muita conversação que com eles tivemos.

E é de saber que as terras que os Mouros chamam Algarves são muito grandes e de muitos senhorios e cingem oba parte do mar Mediterrâneo numa banda e da outra e também da outra também do oceano. Da banda de Espanha começam do cabo de S. Vicente e correm ao levante até Almeria, que é na província Bética ou Andaluzia, e daí, atravessando o mar Mediterrâneo, se estende[m] por Africa, desde o reino de Tremecem, pelo estreito de Gibraltar, té o cabo de Gué, tomando toda a ribeira da Mauritânia, Tingitânia, em que há muitos reinos de grande fertilidade a melhor terra de toda África.

A toda esta região assim divisada chamaram os Mouros antigamente os reinos de Benamarim e, ao presente, Algarves, daquém e dalém-mar, e derradeira que na África, em parte, nossos reis cristãos sujeitaram à fé da Santa Igreja, havendo muitos anos que era possuída dos seguidores da seita de Mafoma.

E porque minha tenção não é tratar de todos os Algarves em geral, como os tenho divididos, mas somente desta parte que está mística com nossa Lusitânia e é sujeita aos reis de Portugal, deixarei o mais a outros que nisso se quiserem ocupar.

Começando, pois, a deitar o primeiro traço, geralmente, a este reino do Algarve, de que falo, pela costa do mar oceano contra levante, pela ordem que Estrabão e Plínio o demarcaram, digo que começa do Sacro Promontório, que é o cabo de S. Vicente, e passa pelo cabo de Santa Maria, a que os geógrafos chamam Promontorium Cuneum, té dar na barra do rio Guadiana, onde está a vila chamada Santo António de Arenilha e da mesma vila sobe pelo rio acima contra o norte, antre Portugal e Castela, passando pola vila de Alcoutim e pelas ribeiras do Leite e Vascão que atravessam as serras e vêm despejar suas águas em Odiana, té a vila de Alcoutim, sete léguas pela barra dentro. Daí corta pelo sertão entre as serras chamadas do Algarve e o campo de Ourique, e por Monchique e a Nave Redonda a O de Seixes, direito ao mar, aonde este rio se mete no oceano, junto do mesmo cabo de S. Vicente, onde esta demarcação começou.

Aos moradores deste reino, vindos do Santo Promontório, chamou Ptolomeu Turdetanos e diz que possuem aquela parte da Lusitânia que o rio Guadiana divide da provincia Betica, que é a Andaluzia. Mas estes Turdetanos, segundo este mesmo autor diz, mais se estendiam pola

Lusitânia do que agora os Algarvios, conforme a demarcação acima dita, porque lhe dá no sertão duas cidades que agora se incorporam em Portugal, que são Mertola e Be, quinze léguas fora dos seus termos. E ainda Estrabão nos dá a entender que pola costa do mar oceano chegavam estes Turdetanos té à boca do rio Tejo, que é a barra de Lisboa.

É cousa maravilhosa as excelências que este autor Estrabão escreve da provincia Turdetânia e os primores que conta dos Turdetanos sobre todos os povos de Espanha. Da terra diz que seus campos lhe respondiam com duas novidades cada ano e que havia tanta abundância de riquezas nela que, quando os Cartaginenses os vieram a conquistar com Barcam, seu capitão, as manjadouras dos cavalos e as dornas e talhas, em que recolhiam vinho e águas, tudo era de prata.

Dos mesmos Turdetanos afirma que eram os mais domésticos e sábios de toda a Espanha. E que tinham livros muito antigos de poesia e leis escritas em verso, que, segundo se dizia, havia mais de seis mil anos foram feitas.

De Beto, rei de Espanha, se escreve que foi o primeiro nos Turdetanos deu conhecimento das letras e que Asclepio Mirliano muito tempo suas escolas e no fim escreveu um livro dos louvor dos Turdetanos e de sua terra. E, posto que a principal Turdetânia fosse a que agora chamamos Andaluzia, também os nossos Turdetanos, que são os ora ditos seus vizinhos, tinham com eles muito parentesco e semelhança não só nos nomes mas também em todas as excelências que deles se escreve como na lição deste mesmo autor parece.

Para lá neste reino, ao presente, quatro cidades, muitas vilas, fortalezas e muitos lugares: alguns no sertão e os mais na ourela do mar, de que adiante farei particular menção, cada um em seu devido e próprio tempo.

Capítulo 2.

Da maravilhosa disposição do Sacro Promontório, com a declaração deste vocábulo, a que, ao presente, chamamos cabo de S. Vicente, como a razão da mudança deste nome.

Ao cabo de S. Vicente, de que me pareceu bem começar, chamam os antigos geógrafos *Sacrum Promontorium*, nome completo de duas partes, cada uma das quais tem seu particular sentido e pede dele dedicação.

Promontorium se diz qualquer terra sobranceira ao mar, que por ele se faz entrada notável mais que toda a outra junto de quem está com ponta, onde fenece, a que comumente chamamos cabo. Pera o que é de notar que os Romanos, gente em tudo bem olhada e curiosa, a todos os lugares puseram em Espanha e fora dela seus particulares nomes pera divisarem as terras e entenderem melhor as paragens dos mares por onde navegavam. E por esta razão, no cabo de Palas, na costa do reino de Murena, chamam *Promontorium Scombrarium*, ao cabo de Gatas, no reino de Granada, chamam *Promontorium Caridemum*, ao cabo de Santa Maria, que começa na foz do rio Guadiana e acaba na vila de Albufeira, chamaram *Promontorium Cuneum*; ao cabo de Espichel, junto de Sisimbra, na Lusitania, chamaram *Promontorium Nerium*. E assim a outros muitos, de maneira que este vocábulo *promontorium* era comum e geral a todos os que tinham as qualidades acima ditas; e, pelo que mais lhe acrescentavam, se entendia qual era o de que falavam. Acrescentaram, pois, *Sacrum* a este de que tratamos, que, em seu sentido, tanto queria dizer como cabo Santo e dedicado a Deus, profetizando já em alguma maneira o que depois nele havia de ser e nós agora vemos, segundo que adiante em seu lugar parecera. Mas eles não entendiam desta maneira, porque, cegos em seus erros, atribuíam aos ídolos feitos de pedra e madeira a honra que só à divindade se deve, e esta foi a causa por que a este *promontorium* ou cabo chamaram *Sacro*, pelo terem dedicado a Hércules, homem facinoroso que os gentios adoravam como deus. Em este promontório lhe tinham seu templo edificado, segundo o diz Artemidoro, escritor e filósofo antigo, e nele o honravam com serviços e ceremonias acostumadas, trabalhando de o ter propício em suas necessidades. Onde este mesmo autor diz que os romeiros, que a este templo vinham, faziam montinhos de pedras pouco distantes uns dos outros pelo caminho por onde vinham, que serviam de balizas aos que não o sabiam, como ao presente, se costuma e o vimos em Monserrate e Guadalupe, casas de muita devação, a que os castelhanos chamam *mojones*. Outros havia cuja devação passava mais adiante: estes, por si ou à sua custa, traziam água de outras partes, por no mesmo cabo haver falta dela, de que bebiam os caminhantes que por sua devação vinham em peregrinação ao templo. E, se estes romeiros ou peregrinos acertavam de chegar perto deste *Sacro Promontório*, por se querendo pôr o Sol, não ousavam passar mui adiante, aquele dia, mas

ficavam-se, aquela noite, num bairro, que não longe estava já pera isso, crendo, segundo suas falsas imaginações, que os Deuses tinham reservado as noites pera si e não lhes prazia que nelas alguém lhe sacrificasse ou andasse caminho.

Este mesmo filósofo Artemidoro, que estas cousas escreve, movido por sua devação e desejo de ver este Sacro Promontório e também oferecer em o templo que nele estava, veio-o a visitar desde Grécia, donde era natural. E, considerando sua figura e o que com ela representava, comparou seu peito alteroso e sobranceiro ao mar a um navio bem emasteado. Pera fazer esta comparação e semelhança, segundo Estrabão tomou três ilhas pequenas, que este cabo junto de si inda e de uma delas lhe fez a proa e das outras duas os mastros, por serem mais alterosas.

No tempo que Artemidoro o viu e apodou, o que ele saberia bem fazer, porque era prudente e bem entendido, ser-lhe ia esta semelhança mais apropriada do que é ao presente, por estar já gastado do mar, cujas ondas continuamente nele roem, há mais de mil e quinhentos anos que isto passou, e também por os moradores e vizinhos o terem já cultivado e limpo de arvoredos que nele havia, em cujo lugar torres e edificios, com que está mais honrado e fortalecido, de maneira que não temos já necessidade de *mojones* ou balizas pera atinarmos com ele.

Não se pode, contudo, negar ser este um dos mais célebres lugares de sua qualidade e o que com sua saída ponta mais entrada faz ao mar, polo que com rezão se poderiam ber contar por ~ua das maravilhas do mundo.

Nele, segundo diz Estrabão se acaba, como em um remotíssima, toda a máquina da terra da banda do ocidente, porque fenecem as duas partes do mundo, Europa e África, e os Lusitanos e Mauritanos são os últimos moradores delas. Nele se acham, em um mesmo instante, diferentes ventos. Nele as águas continuamente se encontram ~uas com as outras e todas juntas num corpo, tomando força, calam por baixo dele por furnas e cavernas que a continuação delas já tem feito; e isto com tão grande impeto que parece que neste só lugar a Natureza de continuo peleja e trás contenda consigo mesma.

As naus, navios e outros baixéis que navegam de levante a poente o de qualquer outra parte de nossa Europa aí vêm obededer. E também os pescados, que ao Estreito, em manadas e cardumes *, vão desovar e fazer sua criação, primeiro a ele chegam a reconhecer a terra e saber, com o natural distinto que Deus lhe deu, em que rumo e paragem estão, de maneira que julgará quem isto com atenção considerar que todas as criaturas do mundo em alguma maneira lhe são sujeitas e reconhecem senhorio.

No mais saído de sua ponta está um mosteiro de religiosos descalços do P. S. Francisco, bem acomodado a penitência e contemplação, pera o que parece que foi ali feitos, e nele achama caridade e hospedaria as-pessoas de que é frequentado. Este mosteiro mandou edificar o bispo do Algarve, D. Fernando Coutinho, que a este lugar foi muito afeiçoado, e pelo seu amparo e defesa mandou talhar com um da banda da terra, por causa dos Mouros que não longe dele saíam.

El-Rei de Portugal, D. João o 3º., vendo que ainda isto não bastava, mandou pegado com o mesmo mosteiro ordenar ~ua fortaleza, em que continuamente há soldados, muita artelaria

e outros petrechos de guerra, com que se defende o mesmo lugar, e também as naus e navios dos Cristãos, que em torno dele se acolhem dos inimigos que naquela paragem de maravilha faltam.

Fez mais este mesmo bispo D. Fernando Coutinho com o mosteiro, ùa torre, pegada com o mosteiro, que é onde ora estão as armas, e levantou-a sobre todo o outro edificio pera que servisse de farol e pôs no mais alto dela ~ua lanterna com ~ua lâmpada, em que havia lume continuamente todas as noites pera os navegantes que andassem perdidos e todos os mais poderem, ainda que houvesse tempestades, reconhecer a terra, cousa pera o lugar não menos necessária que lustrosa. E, posto que por sua morte deixou renda pera a fábrica e sustentação dela, tudo acabou, como há-de suceder às mais cousas que agora vemos.

Não longe deste lugar, defronte de Odemira, fomos salteados de Ingreses luteranos três religiosos, que, no ano de 1569, pera este reino do Algarve por mar íamos, pelos quais depois de metidos a tormento, despidos e roubados, os mais da companhia a nós determinaram pendurar em ~ua entena dum galeão bem artilhado, em que vinham, por nos terem e mui contrários à sua seita e ladroices. Mas, como não fôssemos dignos de tão boa sorte, um português, que com eles andava de mistura, mostrando-se mais propício à nação, os tomou de maneira que nos deixaram, não sem outro perigo de mar, porque nos ficou a caravela despejada e boiante, com tempo levante, que nos era contrário; com este trabalho dobrámos o cabo, onde, deitando o batel ao mar, nos baldeámos ao pé dele sobre um arrecife, pelo qual subindo em pés e mãos nos achámos em cima, os mais de nós escalavrados por causa de seu áspero rochedo e penedia. Logo ordenámos ~ua devota procissão, cousa piedosa de ver, e encaminhámos pera o mosteiro, todos postos em ordem, a fazer graças do nosso livramento, na qual uns éramos descalços e outros despidos, em camisa, e nenhum como dantes vinha. E, posto que isto não procedia de sobeja devoção, mas da força passada que nos pusera em tal estado, não nos faltavam lágrimas que oferecer ao Senhor, considerando cada um dos religiosos com a caridade que a todos mostram e a vista da nossa miséria lhe pedia. E confesso, que, em parte, folguei com a ocasião e me fez esquecer o trabalho passado ver este lugar, cousa que muito desejava, e tomar experiência do que dele escrevo, ainda que foi à custa da própria pessoa. Um religioso deste mosteiro, estando um dia com o capitão de Sagres pescando à cana no mais baixo das rochas deste cabo, menos recatados do que deviam, foram por ~ua galé de mouros que dobrava junto da terra sem ser sentida, fazendo-se logo ao mar, alegres da presa que tinham feito, despiram ao frade e seu companheiro e puseram-nos ao remo, segundo seu costume. E um dos turcos, querendo festejar a presa e alegrar a companhia com fazer zombaria do frade e dos Cristãos, vestiu-se o hábito com seu capelo e, fingindo grande devação, começou-se a entrar pela coxia da galé e, de remeiro em remeiro, como quem por rua pública vai de porta em porta, pedia esmola por amor de Deus e Xão Franxico. Não gastou muito tempo neste exercício, de que muito se regojizavam todos, quando, chegando às Areias Gordas, onde determinavam fazer aguada, houveram vista dalg~uas velas, de que nada ficaram contentes, e o padre pedinte deitou o hábito de si com mais presteza do que o vestira. Estas velas eram cinco galés de Portugal, em que andava por capitão-mor D. Fernando Álvares de Noronha em guarda da costa do Algarve, o qual, havendo vista da galé dos mouros, em cuja busca ia, por ter já notícia do mau recado que havia feito, deu-lhe logo caça e, posto que trabalhou de se acolher à força de remo, quis o Senhor que a alcançou e

rendeu. Era esta galé de um turco, grande cossairo, chamado Ramadão, o qual ali foi morto, tendo feito antes naquela costa muito dano aos Cristãos.

Logo o capitão-mor mandou tirar do remo o religioso e os outros cristãos e meter nele ao turco mendicante e a todos os companheiros e dar-lhe com o rebém a esmola que antes pedia. O religioso tornou a tomar e vestir-se seus hábitos, dando muitas graças ao Senhor Deus e ao bem aventurado P. S. Francisco, que acudiu por sua honra e teve por bem de o livrar dentro em vinte quatro horas, um dia natural, em que se viu cativo e logo livre e tornado a seu mosteiro, mas com propósito de mais não pescar naquela costa.

Capítulo 3.

De como o corpo do glorioso mártir S. Vicente foi trazido do reino e cidade de Valença d'Aragão a este Sacro Promontório, no tempo que Espanha se perdeu, e nele esteve escondido muitos anos.

A este Promontório do reino do Algarve foi trazido o corpo do glorioso mártir S. Vicente, natural da cidade de Saragoça, no tempo que Espanha se perdeu e foi tomada de mouros e nele esteve escondido por espaço de muitos anos. E por que a certeza disto chegue aos Franceses da Província da Aquitânia, os quais dizem e ainda escrevem que o têm em um seu lugar chamado Beuter, a que foi levado de Valença, por diligência de um monge, direi aqui por quem e a maneira como veio a este nosso Sacro Promontório e como depois dele foi trasladado à igreja-mor, chamada Sé, de nossa notável cidade de Lisboa, do reino de Portugal, onde é honrado e tido em grande veneração seu sepulcro por todo o povo. Aos quais não deve nossa escritura parecer sonho ou invenção de homens ancira como veio) gero Promontório e como depois dele foi trasladado à igreja-mor, chamada Sé, de nossa notável cidade de Lisboa, do reino de Portugal, onde é honrado e tido em grande veneração seu sepulcro por todo o povo. Aos quais não deve nossa escritura parecer sonho ou invenção que desejam enobrecer seu reino e cidade com a relíquia que não têm, mas verdade autêntica de que fazem expressa memória todas as crônicas dos reis de Portugal, escritas por seus cronistas, varões sábios e de muito crédito, no que se lhe deve dar inteira fé, como ao mais que escreveram. E isto não é agora notório ou novamente sabido neste reino e seus vizinhos, porque S. Boaventura, doutor santo e sem suspeita, o escreveu em Itália há já trezentos anos, no princípio da vida do bem-aventurado confessor S. António Português, natural e vizinho da mesma cidade e igreja em que o corpo deste glorioso mártir a cerca de nós descansa, o que parece devera bastar pera tirar escrúpulo a qualquer que nisso tivera dúvida.

Contam, pois, os cronistas portugueses que, acabando o vitorioso D. Afonso, primeiro rei de Portugal, de vencer e desbaratar cinco reis mouros nã só batalha, no campo de Ourique, o ano do Senhor de 1139, e mortos muitos milhares de mouros, imigos do nome cristão, tornou-se a Coimbra, naquele tempo cabeça de seu reino, trazendo consigo grandes depojos e muitos mouros cativos. O que sabido por S. Teotónio, primeiro prior do insigne mosteiro de Santa Cruz da mesma cidade, seu grande devoto e amigo, saiu a receber ao caminho, como outras muitas vezes fazia, alegrando-se de sua boa fortuna. E sendo informado que entre aqueles mouros cativos vinham também alguns cristãos de mistura, pediu a el-rei e que os quisesse libertar, pois sua fé o merecia. E, maravilhando-se el-rei como aquilo podia ser, mandou que lhos trouxessem diante e, vindos, lhes perguntou de que nação eram e que fé era a sua e se era verdade que eram cristãos. E chegando-se deles dous, que entre os outros eram cristãos, anciãos e de autoridade, responderam a el rei, dizendo; "Senhor, nós na fé cristãos somos e de nação valencianos somos, entre quais vivemos, nos chamam Monçárabes, que quer dizer mestiços ou mestura dos Alarves, e a causa disto e como passa na verdade contaremos a sua Alteza, segundo nos ficou em memória de nossos antepassados. Não muito depois daqueles trabalhosos tempos, quando Espanha se começou a perder passou a ela de África um por nome Albedramen, a cuja ira e poder ninguém bastava resistir. Este, com menos

receio que algum outro, se atreveu a entrar por mais dentro por ela e sujeitar a todos sem diferença, assim Mouros como Cristãos, e pô-los debaixo seu senhorio. Vendo isto nossos antepassados que, segundo nos ficou por noticia, eram dos moradores da cidade Valença, no reino de Aragão, temeram muito e desejando escapar sua tirania fugiram para lugares mais secretos, em que, escondidos, se pudessem valer, té ver o que o Senhor determinava do povo cristão naquelas partes. E, pera que com o mesmo Senhor pudessem merecer alg~ua cousa, tiraram consigo o corpo do glorioso mártir S.Vicente, que na mesma cidade padecera e inda estava e com ele se passaram ao Algarve e na ponta que mais dele sai ao mar fizeram sua pobre morada, consolados, em parte, por terem consigo aquele santo tesouro por cujos merecimentos lhes parecia seus trabalhos poderem ter remédio. Mas como a ira do Senhor, movida pelos pecados dos homens, não estivesse aplacada inda de todo, vindo ali ter acaso depois de alguns anos um mouro natural da terra, acompanhado dalguns seus, dos quais meninos e moços que consigo levavam cativos, dos quais descendemos nós, os que aqui estamos presentes. E, se do que dizemos a Sua Alteza querer tomar alg~ua experiência, damos por sinal de nossa verdade os vestigios de suas pobres moradas que ainda no mesmo lugar parecem e também os corvos que o frequentam desde o tempo que o corpo do glorioso mártir a ele foi trazido, por cuja causa os Mouros lhe puseram nome “Monte dos Corvos”.

A enformação deste mesmo caso, não muito dessemelhante à que aqui estes cristãos a el-rei deram, nos deixou Rasis, mouro, historiador Albaras Miramolino, rei de Córdova, no livro das histórias que escreveu das antiguidades e sucessão dos reis sarracenos em Espanha, que ainda temos volto em espanhol, o qual, posto no que no que tratou das Sagradas Escrituras fingiu e disse muitas parvoíces, como mouro e infiel que era, imitando os poetas antigos, porém chegado à história das cousas de seu tempo, que tocavam à matéria profana de que escrevia, falou bem e não deve ser enjeitado. Este, na história de Albedramen, quarto rei deste nome e décimo nono na sucessão dos Sarracenos, diz estas palavras à letra.

Andando a era dos Mouros Alarves em cento e trinta e oito, veio de África a Espanha um mouro por nome Albedramen, poderoso e grande cavaleiro, o qual, vencendo em batalha e matando a Joseph, que naquele tempo reinava, conquistou e pôs debaixo de seu senhorio toda Espanha, e passadas alg~uas cousas que não fazem tanto ao nosso propósito, por ser a origem deste Albedramen, diz logo mais adiante: este Albedramen tomou por força todas e vilas que os Sarracenos possuíam em Espanha, moveu também guerra contra os cristãos e, partindo pera Sevilha, tomou Évora, Beja e depois Santarém e Lisboa e todo o Algarve e em tal maneira afligiu Espanha que não havia cidade ou lugar em toda ela que se tivesse por segura e não receasse seu poder, e os moradores delas, desemparrando suas casas e fazendas, fugiam pera os montes e serras das Astúrias. Este destruiu todas igrejas que achou em Espanha, em cujo tempo havia nela muitas fábricas notáveis, assim do tempo dos Gregos como dos Romanos, e todos os corpos que pôde daqueles em em que os Cristãos criam e chamavam santos tirou fora delas e os fez queimar publicamente, o que, vendo os Cristãos, cada um recolhia destas cousas que podia e fugia com elas pera os montes mais solitários, de maneira que tudo o que podiam escapar puseram em salvo e levaram escondido às serras das Astúrias e a outros lugares semelhantes. E, como Albedramen se fosse chegando pera Valença, os cristãos que nela moravam tinham o corpo dum morto por nome Vicente, o qual

eles adoravam como a Deus e persuadiam ao povo que aquele homem fazia ver cegos e ouvir os surdos e dava saúde aos enfermos, e desta maneira enganavam a gente simples e sem letras. Mas estes, como souberam a vinda de Albedramen, temeram ser descobertos com seus enganos e fugiram, levando consigo o corpo daquele que digo. Escreve mais este mesmo Rasis que falando com outro mouro, Alibachaces, cavaleiro e natural de Fez, lhe contara que, estando ele no Algarve já havia alguns anos fora um dia caçar com alguns de sua casa e, alongando-se àquela ponta que a terra mais mete ao mar, achara alguns cristãos dos que fugiram de Valença e tinham inda consigo o corpo do homem Vicente acima dito com que de lá fugiram, os quais moravam em algũas pobres casinhas que haviam feito, e, por saber que eram Cristãos, os mandou matar, não deixando deles senão alguns meninos e moços que consigo levava cativos e o corpo de seu Vicente se ficara só no mesmo lugar.

Não deixa de parecer verdadeira a história deste mouro àcerca dos trabalhos daqueles tempos em que os Mouros se apoderaram de Espanha, os quais, com zelo de sua diabólica seita, não se contentavam com matar cristãos que podiam haver vivos, mas ainda, como este diz, queimavam e derramavam as relíquias dos gloriosos mártires e confessores que nas igrejas achavam, desejando pôr em esquecimento seus nomes, pelo que convinha aos cristãos, que de suas mãos podiam escapar, fugir com elas e esconderem-se pelos montes e serras, ou pera outras povoações que ainda estavam em poder de Cristãos. E desta causa sucedeu vermos hoje em nossa Espanha muitos corpos de santos mudados das cidades e terras onde primeiro estavam e eram honrados e levados a diversos lugares, sem acharmos os tempos ou rezão por que se isto fizesse, nem a causa que moveu aos naturais deixarem levar dos estrangeiros os corpos de seus santos e padroeiros, sobre que muitas vezes acontecia terem brigas e contendias entre si mesmos. Destes foi o corpo do glorioso discípulo de Cristo, S. Manços, que tínhamos em nossa Évora e agora está em um lugar de Castela, junto a Medina de Rio Seco.

A bem-aventurada Eulalha e Júlia, sua companheira, tão celebradas, em Méroda, dos Vetões, vemos mudadas aos Eunós de França. S. Leandro, bispo de Sevilha, não parece, nem temos novas alg~uas de seu corpo.

A virgem S. Leocádia, a que tanta honra fazia Toledo, trocou o Tejo com o Rhin e foi-se a Colónia, à cidade Agripina. S. Ildefonso, conhecido e reverenciado em todo mundo por sua muita santidade e doutrina, desamparou sua própria cidade e se passou às Astúrias de Oviedo, à cidade Samora. Quem pois nos poderá dar rezão de tantas e desproporcionadas mudanças? Quis o senhor Deus, que em tudo provê, que no-la desse Rasis, um mouro infiel daquele tempo, como temos ouvido.

Capítulo 4.

De como o corpo do glorioso mártir S. Vicente foi tresladado do Sacro Promontório pera a cidade de Lisboa em tempo del-rei D. Afonso Henriques.

Ouvindo el-rei D. Afonso Henriques as rezões dos valencianos cativos, de que algum tanto me diverti, e tendo porventura notícia desta escritura de Rasis, que naquele tempo era mais fresca, foi muito alegre e naceu em seu coração um firme, constante desejo de haver aquela tão preciosa relíquia e tê-la em seu reino. E tomando conselho com os seus em que maneira isto poderia ter efeito, foi acordado que fizesse tréguas com os Mouros por certo tempo e que ele mesmo em pessoa o fosse buscar. As quais feitas sem nenhũa dilação, porque os Mouros nenhũa outra cousa desejavam, partiu-se logo o devoto rei de Coimbra pera aquele lugar, com tanto fervor e devação, que punha em esquecimento todo o perigo e trabalho a que se oferecia. E, chegando lá, fez buscar o santo corpo com toda diligência, mas, por muito que nisso trabalhou, como o Senhor tinha determinado de o colocar na mui nobre cidade de Lisboa, onde hoje está, que ainda naqueles tempos e depois, por alguns anos, foi possuída dos mouros, não permitiu que fosse achado; com cuja vontade o devoto rei se conformou, como em todas as mais cousas fazia. E se tornou a seu reino, ainda que algum tanto desconsolado por não poder alcançar o comprimento de seus desejos.

Despois disto, andando o tempo, teve o Senhor por bem alimpar a insigne cidade de Lisboa das imundícias torpes de Mafamede, pera a fazer ~ua das mais nobres e célebres cidades de toda nossa Europa e nela ser servido de grande número de fiéis clérigos e religiosos de todas as ordens, pera cujo efeito esforçou o coração do magnânimo e invencível rei pera que viesse sobre ela e lhe pusesse cerco. O qual logo fez com ajuda de algũas gentes estrangeiras que o Senhor lhe mandou pera este efeito, e, a cabo de cinco meses, a cidade foi entrada, aos vinte e cinco dias de Outubro de 1147, em dia dos santos mártires S. Crispino e Crispiniano. E não se esquecendo o devoto rei da empresa do glorioso mártir S. Vicente, cujos desejos sempre estavam vivos e inteiros em seu coração, fez logo edificar um mosteiro, com muita despesa e renda que lhe deu, e dedicou-o à honra deste glorioso mártir, aparelhando-lhe o lugar onde fosse honrado, quando o Senhor tivesse por bem e fosse servido de lho conceder. E como viu tempo e conjunção pera isso, mandando-lhe el-rei mouro de Sevilha, Albojaque por nome, pedir tréguas por cinco anos, lhas concedeu, somente por ter mais liberdade e ocasião de fazer buscar e trazer a seu reino o corpo deste glorioso mártir. E assim o pôs logo em obra, mandando por mar ao dito cabo certas pessoas de muito esforço e crédito, com boa guarda de

armas e todo o mais necessário, em cuja companhia quis que fosse um dos cristãos valencianos que na batalha do Campo de Ourique tomara, de que acima fiz menção, pera que mais certificadas do lugar buscassem aquela santa relíquia, com toda diligência e não tornassem a Portugal sem ela. Os quais, partidos de Lisboa, fizeram sua viagem sem algum impedimento do mar, que naquele lugar continuamente anda alterado e soberbo com suas ondas, que, por então, estiveram quedas e se humilharam em maneira que no mesmo cabo, saíram a terra, tomando isto por bom presságio do seu caminho. E postos logo em oração, de geolhos, primeiro que outra coisa fizessem, rogaram ao Senhor que lhe aprovesse de lhe mostrar aquela santa relíquia e nisto satisfazer os bons desejos do devoto rei, de que sucederia não pequena glória a sua majestade e ao glorioso mártir, sendo seu corpo trazido e dado por padroeiro a este reino tão próspero logo em seus princípios. Acabada sua oração, começaram logo a cavar, com grande confiança, onde o cristão valenciano mostrava alguns vestígios da habitação antiga, em que os corpos inda não faltavam, em testemunho do tesouro que ali fora posto, e, havendo aberta a terra por algúas partes, chegaram ao ataúde em que fora posto, já gastado da humidade, com o santo corpo dentro nele, de que ficaram muito alegres. E começando a recolher em ùa arca bem consertada, que pera isso levavam, um dos companheiros, com indiscreta devação, meteu no seio um osso do santo corpo e logo sentiu sobre si a mão do Senhor e caiu cego com sem poder ver cousa algúia. E, conhecendo a causa de sua desventura, tornou a pôr a santa relíquia onde a tomara, confessando o seu atrevimento, e o santo mártir, aceitando sua penitência, lhe tomou logo a vista, por seus merecimentos, em presença de todos, de que deram glória a Deus pelo milagre e certeza que lhes deu de acharem o que buscavam. Isto feito, recolheram-se ao navio e, dando vela pera se tornar, viram vir dous corvos, os quais, chegando ao navio, um se pôs na popa e outro na proa, não querendo desemparar seu companheiro e patrono.

Chegados ao porto de Lisboa, não quiseram tirar logo o santo corpo do navio nem manifestar o que traziam, sem soubesse o que traziam, receosos de alvoroçar o povo, porque el-rei estava ausente, mas esperaram o silêncio da noite e então o levaram solenemente à Igreja de Santa Justa, onde naquele tempo chegava o mar e ainda está a porta chamada de S. Vicente, por causa dessa alegre entrada, que o glorioso mártir por ela fez. Mas, como já era chegado o tempo em que o Senhor tinha ordenado manifestar o corpo deste glorioso seu cavaleiro pera ser honrado de todo o povo cristão, todos os moradores da cidade acudiram pela manhã à igreja de S. Justa, como se pera isso fossem chamados, e começaram a contender entre si mesmos, dizendo um que fosse levado ao mosteiro de S. Vicente, que el-rei pera ele edificara, e outros não; senão que se devia pôr na Sé, como igreja principal, pera que ali fosse venerado de todo o povo. A isto acudiu Gonçalo Viegas, capitão dos ginetes, que na cidade estava, e com bons rezões pacificou todos, dizendo que não se devia determinar cousa algúia daquele santo sem parecer d'el-rei, que estava ausente, e que a ele pertencia fazer nisso o que fosse sua mercê. Parecendo isto a todos bem, D. Roberto, daião da sé, homem de boa vida e prudente, não satisfeito das rezões de Gonçalo Viegas, sabendo que nestas dúvidas é melhor a condição e parte dos que possuem, foi-se secretamente a D. Monis, prior de S. Justa, e rogou-lhe muito que por honra do glorioso mártir lho deixasse mudar logo à Sé, que era igreja nobre e principal de toda a cidade, onde com mais devação e concurso seria honrado de todo o

povo, que em o fim pera que o Senhor o concedera a este reino. Finalmente, tantas e tais rezões lhe deu, que o persuadiu e lhe concedeu o que pedia.

Ao outro dia vieram logo os cónegos da Sé com toda a cleresia e com solene procissão levaram o santo corpo à sua igreja, dando todos muitas graças ao Senhor e ao glorioso mártir S. Vicente, por escolher este reino e cidade pera sua morada e descanso na terra, por cuja intercessão esperavam receber do Senhor grandes mercês e benefícios.

Em gratificação deste benefício que o prior de S. Justa, D. Monis, fez em deixar mudar o corpo deste glorioso mártir à Sé, como dito é, acordou o bispo dela com o cabido de lhe dar ãa prebenda nela, pera ele e pera todos os priores da mesma igreja que despois dele fossem; e assim se fez.

El-rel, quando isto soube, dizem as crônicas que chorou com prazer, porque era muito devoto e católico cristão; e teve por bem que estivesse na Sé, onde lhe foi feito um rico sepulcro ou reliquairo na capela-mor, a banda da epístola, e a guarda dele é encomendada a dous cónegos dos mais anciãos do cabido. E tornou el-rei a mandar ao mesmo lugar, pera que com mais diligência buscassem se ficara ainda algũa relíquia do santo corpo; e foi achado um pequeno osso da cabeça e foi-lhe trazido com alguns pedaços do ataúde em que fora ali posto. E mandou-os pôr na Sé, com as mais reliquias.

Em memória desta mercê e benefício recebido deu el-rei por insínias à mesma cidade de Lisboa ãa nau e nela a imagem do glorioso mártir S. Vicente, com dous corvos, um na popa e outro na proa, como se eles puseram, acompanhando seu santo corpo, como parece na bandeira da Câmara da mesma cidade e em cima de muitas portas dela. E o cabido tomou também a mesma imagem por armas e selo.

E, por que isto que aqui se diz destes corvos não pareça patranha aos que tanta notícia deste caso não têm, testemunha é todo o povo de Lisboa, e os estrangeiros que nela vêm e a isso atentam, como hoje em dia andam na mesma Sé mansos e domésticos, havendo quatrocentos anos que isto passou, sem nunca dela faltarem. Antes contam os cronistas que um moço por nome João, que servia na Sé, tirou com ãa pedra e deu em um e foi cousa maravilhosa que nesse ponto ficou tolhido de todos seus membros. O que vendo seu pai e havendo grande tristeza deitou-se diante o sepulcro do glorioso mártir S. Vicente em oração, rogando-lhe com muitas lágrimas que houvesse piedade dele e de seu filho: e foi logo são como de antes.

Sabido este milagre, não ousou mais alguém fazer-lhe mal, mas antes muitas mulheres devotas têm por costume, quando vão ouvir missa à Sé, levarem-lhe pão nas mangas por devação do glorioso mártir; e eles têm já cuidado de o ir buscar por suas mangas, quando as vêem assentadas.

Depois que el-rei D. Afonso Henriques teve o corpo do glorioso mártir S. Vicente em Lisboa, principal cidade de seu reino, como já é dito, mandou edificar ãa igreja no lugar em que no Algarve muitos anos esteve, em memória deste feito, e, dali em diante, por honra de tão glorioso hóspede, que aposentou em si, deixou e perdeu o nome de Sacro Promontório, que antigamente tinha, e se chamou cabo de S. Vicente, e por ele é agora conhecido antre todos os outros.

Sagres

Sagres é ~ua vila bem murada, com sua fortaleza, a qual o Infante D. Henrique, Mestre da Ordem de Cristo em Portugal e filho d'El-Rei D. João 1º, mandou edificar em ~ua angra que o mar faz léguas da ponta do cabo de S. Vicente pera o levante, por que os Mouros e quaisquer outros inimigos não tivessem lugar de sair nela a fazer assaltos nas povoações pequenas que estão pela terra dentro. Nesta mesma vila e fortaleza vivia este infante algum tempo e nela faleceu, sendo de idade de 67 anos, na era do Senhor de 1455. Diz João de Barros, na primeira parte da sua Europa, que este Infante D. Henrique, quando edificou esta vila e fortaleza, lhe pôs o nome Terçanabal, mas que outros lhe chamavam a Vila do Infante, pola ele mandar edificar e gostar muito da sua vivenda. Agora o nome por que a conhecemos é Sagres, o qual o padre Gaspar Barreiros quer que seja mais antigo do que dizemos que é a mesma vila e que se deriva desta dicção Sacro, tomada do Sacro Promontório, que é o cabo de S. Vicente, em cujas fraldas ela está. Possível é que esta angra, em que o Infante mandou edificar esta vila e fortaleza, se chamasse antes disso Sagres, e que este nome antigo prevalecesse até nossos tempos e os outros dois mais modernos se lhe acabassem com o tempo. É, ao presente, alcaide-mor desta vila Rodrigu'Eannes de Sarre.

Lagos

A cidade de Lagos é marítima, está e edificada na ladeira dum tejo, que faz rostro ao levante, e junto dela, da mesma banda ~ua ribeira no mar, que corre de sertão. Tem diante de si ~ua formosa baía em que há vilas e lugares que adiante farei menção. Entram nela naus e navios de toda sorte e é muito frequentada de Levantiscos, por causa do muito pescado que desta cidade levam embarrilado em conserva. Tem duas fortalezas, ~ua antiga, chamada Solária, e outra nova, que em nossos dias mandou fazer o católico rei D. João, o terceiro deste nome, a que se pôs nome Pinhão, ambas sobranceiras ao mar e bem providas de toda munição necessária aos tais lugares. Além disto, no cais, tem um lugar alto à maneira de baluarte, com alguns tiros grossos que varejam o porto e baía dele, de maneira que por mar está bem fortalecida.

A cidade, ou vila antes era, é cercada de muros antigos, com seu castelo, e os arrabaldes lhe começou a cercar, em nossos dias, Diogo da Silva, alcaide-mor da mesma cidade, filho do regedor João da Silva. A mais água que nela há lhe vem de fora por canos, os quais lhe acabou de fazer el-rei D. Manuel, o primeiro deste nome.

Nesta cidade há o principal trato dos atuns, que importa muito, como direi adiante no 4.º livro. E nela tem el-rei e a rainha seus feitores, por cuja causa há nela muitos mercadores estrangeiros levantiscos e de outras partes, que tratam neste pescado e em outras cousas, com que a tem engrossa cada vez mais.

O ano de 1573 do Senhor, el-rei D. Sebastião, o primeiro de foi a visitar este reino do Algarve e, por ser a primeira vez que nele entrava, todas as cidades e vilas determinaram de o festejar e cada ~ua por si lhe fazer solene recebimento. Os Lacobrigenses, que eram os primeiros, por

entrar el-rei pelo cabo de S. Vicente, onde foi por mar, se armaram todos e com suas enxaravias e albernozes em cima, à maneira de Mouros, de pé e cavalo, fizeram um fermoso exército e, antes que el-rei entrasse, puseram-se todos em emboscada, em certo lugar, donde lhe saíram ao encontro, com suas bandeiras despregadas e, postos em ordem de peleja, cercaram-no e prenderam-no com grandes alaridos, como os Mouros costumam; do que el-rei mostrou muito gosto e, entrando na terra e vendo a grande povoação e gente lustrosa e abastada, fê-la cidade e concedeu-lhe alguns privilégios pera mais se enobrecer, de que todos ficaram satisfeitos.

Sobre o nome e sítio desta cidade têm lançado os escritos modernos diversos juízos e pareceres: porque isto trazem consigo as cousas desta qualidade, a que tempos têm gastada a memória, com seus contínuos sucessos. Também deu a isto grande ocasião as muitas cidades e outras povoações que quási de um mesmo nome se acham nos escritores antigos, que houve em nossa Lusitânia e em toda a Espanha, os quais quis aqui pôr, pera que o leitor veja quanta razão têm os moradores que sobre esta antigualha ainda ao presente não cessam entre si de altercar. Os nomes das cidades são os seguintes: Arcobriga, Arcobrica, Arabriga (Arrabada), Cetobriga, Conimbriga, Deobriga, Flaviobriga, Gerabriga (Alenquer), Cattagobriga (Gradamiro), Juliobriga, Lacobriga (Lagos), Lancobriga, Langobriga (Castelo da Feira), Lavobriga, Lacobria, Medobriga (Almodovar), Mirobriga, Merobriga, Mundobrica, Nertobriga, Segobriga (Segouta), Setobriga, Turobrica, Talabrica, Vertobrica, Cesarobrica.

A causa que dão da semelhança de tantos nomes dizem que é o natural desejo que os homens têm de despertar e continuar sua memória na estimação dos homens que ao mundo estão por vir. Pera isto escrevem que, depois de Espanha povoada, houve nela um rei, que foi o quarto dos, houve nela um rei, que foi o quarto dos primeiros que nela reinaram, chamado Brigo, o qual, movido por este comum desejo, edificou muitas cidades na mesma província, a que pôs por remate de seus nomes o mesmo que ele tinha, antepondo-lhe algumas sílabas ou dicções com que se diferencçassem ~uas das outras, como nas acima acima ditas parece. E se isto, na verdade, assim passou, como tem a semelhança, com razão poderemos chamar Briga à nossa província Lusitânia, como o fizeram os Castelhanos pela mesma causa, pois achamos nela muitas cidades e vilas intituladas deste nome, como é esta Lacobriga de que falamos. Lancobriga no Campo de Ourique, Cetobrica, adonde agora chamamos de Troia, junto de Setuval, Merobriga que dizemos ser Odemira, Mirobriga que é Marvão, meia légua de Portalegre, Arabrica, junto da Serra da Arrábida, Conimbriga que foi Condexa-a-Velha, Mundobriga que dizem ser Montemor-o-Velho, e com estas outras muitas que, por serem arruinadas, não temos já delas mais que os nomes que achamos nos livros dos escritores antigos. A esta opinião parece contrariar a autoridade de Plínio e de outros depois dele, o qual diz que Luso ou Lisa, seu companheiro, que foram depois deste rei Brigo quatrocentos anos ou mais, lhe deram este nome Lusitânia, mas a isto se pode bem responder que não diz Plínio que foram estes os primeiros que a povoaram e a ela trouxeram moradores.

Outros escrevem que este nome Briga quer dizer castelo ou povoação na língua dos Cântabros, que são os Biscainhos, que afirmam ser a primeira de nossa Espanha, e que este nome Briga foi nela geral e comum a todas as povoações daquele tempo e que o que mais lhe acrescentavam era por se diferencçarem ~uas das outras ou por respeito de seus edificadores que o tal benefício lhe fizeram, pera o que trazem não poucos exemplos de outras muitas

províncias e nações que em suas línguas isto mesmo fizeram, os quais escuso relatar aqui por não fazer mais largo processo sobre cousa que não importa muito à nossa escritura. A opinião destes, a ver, bem se compadece com a de cima, porque em todas as províncias e nações do mundo houve quem primeiro nelas começou a edificar cidades e vilas de que essas mesmas povoações podiam tomar a ocasião que nossa Europa tomou do rei Brigo, cuja história nesta parte tem para comigo muita força, pelo que acima fica dito.

. Mas tornando à nossa cidade de Lagos, donde me diverti, diz Garibay, no 6.º livro de sua História, que Quinto Metello, capitão romano, estando em Espanha com dignidade proconsular, o ano de 76 antes de nossa redenção, pôs cerco à cidade Lacobriga, que agora se chama Lagos, perto de Alvor, ambos lugares de Portugal, mandando aos soldados levarem alimento pera cinco dias, tendo tenção de a tomar à sede, por não ter Lacobriga dentro em si pera se sustentar mais que um só poço de água e toda a mais que tinha em seus arrabaldes lha podia bem tirar. O que sabido por Sertório, capitão famoso dos Lusitanos, mandou à dita cidade dous mil soldados com outros tantos odres de água, os quais entraram na cidade sem lhe poder resistir o exército romano; mas antes, como Metello mandasse seis mil soldados a buscar mantimentos a outros lugares do Algarve, os salteou Sertório com três mil soldados lusitanos e os desbaratou e fez levantar o cerco. Esta história é tomada de Plutarco, da vida de Sertório, na qual diz Garibay, como acima fica dito, que esta cidade, que agora chamamos Lagos, de que tratamos, é a mesma que antigamente se chamava Lacobriga, onde diz Plutarco que isto aconteceu.

Nicolau Coelho, em seu Monastichon dos primeiros reis de Espanha, falando del-rei Brigo, diz que a Lacobriga antiga, que Pompónio situa no Algarve, junto do cabo de S. Vicente, é já destruída e não há dela senão algúas ruínas de edificios antigos, junto da cidade de Lagos do Algarve. Diz mais que esta Lacobriga antiga e outras muitas cidades de Espanha, que são semelhantes a esta nos nomes, foram edificadas do mesmo Brigo, quarto rei de Espanha, que foi quatrocentos e onze anos depois do dilúvio geral. O autor do Enchiridion de los tiempos esta mesma opinião aprova e diz que também este rei Brigo edificou Medobriga que ele tem ser Montemor-o-Velho. Mas acerca da cidade Lacobriga que tratamos, não se determina qual seja. O mestre Vaseu, na sua descrição do reino de Portugal, escreve que esta Lacobriga estava edificada junto de um lugar chamado Alagoa, que é vizinho da cidade Silves, onde diz que de seus edificios se acham inda ruínas, à qual cidade lhe parece que sucedeu Lagos, mais chegada ao cabo de S. Vicente.

Outros, interpretando este nome Lacobriga em Ptolomeu, guiados somente pela semelhança do nome, dizem que é Talavera, e outros que

Coimbra, não advertindo não poder ser visto, pois Pompónio a situa no Sacro Promontório, a que agora chamamos de cabo de S. Vicente, a mim mais provável se me faz não ser nenhũa destas, mas a própria cidade Lagos, de que tratamos, de que nenhum deles dá origem, pera o que me não faltam algúas rezões que ao leitor não cuidou parecerão mal, ùa das quais é ter Lagos pouca água dentro em si e por isso lhe vem de fora por canos que dissemos acima queque el-rei D. Manuel lhe acabou, a qual falta sabemos que tinha a antiga Lacobriga, pois escreve Plutarco que não havia dentro nela mais de um só poço e que a mais que em seus arrabaldes havia se atrevia Quinto Metello a lha impedir, quando por sede a quis tomar e lhe pôs cerco, como acima fica dito. Outra rezão e argumento se toma da ordem que Pompónio

guarda em contar as terras e lugares, per que assim as vai escrevendo primeiras ou derradeiras, como as acha situadas, conforme a ordem onde começa ou acaba, como em suas escrituras facilmente se pode ver. E, como ele comece a descrição da costa do Algarve no Sacro Promontório para levante, se Lacobriga estivesse junto da Alagoa, primeiro houvera de nomear Portus Annibalis e a Albufeira e depois Lacobriga, porque desta maneira cuidáramos ser verdadeira a opinião destes. Mas como isto se acha pelo contrário e Pompónio a nomeie primeiro e a faça mais vizinha do Sacro Promontório que outra terna algũa e ainda a faça marítima, o que não tem a Alagoa, parece que se pode sustentar ser hoje Lagos a mesma Lacobriga. E também não faz pouco ao caso ser muito bom porto de mar, ao qual se chegam todos os bons edificadores, assim por escusarem o perigo dos inimigos que a ele acodem, como por ser a mar bom vizinho aos que se chegam a ele.

No Concílio 4º Toledano, celebrado em tempo de Sisenando ou Sisebuto, quarto rei dos Godos, e do papa Honório I, cuja eleição foi no ano do Senhor 622, em que se ajuntaram setenta bispos e se achou presente S. Isidoro, arcebispo de Sevilha, subscreveu com eles o dito concílio *Servus Dei, episcopus lacobrigensis*. Este bispo, por nome Servo de Deus, podemos crer que foi da cidade Lacobriga, de que tratamos e que foi a este concílio com os bispos de Évora, Viseu, Lisboa, Porto, Lamego e Idanha, * todos bispos lusitanos que a ele foram e subscreveram, como em seus escritos parece. E, posto que depois, pelos tempos, seu bispado se mudasse ou extinguisse, porque o que sobre isto passou não tenho alcançado, pelos muitos trabalhos que sucederam a esta província, não é de espantar, porque isto mesmo lemos que sucedeu à cidade de Beja, cuja cadeira se mudou para Badajoz, e aos bispados da cidade britolense, situada no campo de Ourique, e da arecobricense, também da Lusitânia, cujos bispos se acharam o subscreveram no mesmo concílio e agora de seus bispados nem ainda das mesmas cidades, onde eles estavam, não achamos mais que os nomes.

Tem Lagos dentro em si um mosteiro de freiras da ordem de Nossa Senhora do Carmo, que, em nossos dias, se começou e está já posto em bons termos, pela muita devação da gente da terra, e um mosteiro de Capuchos e duas freguesias.

Desta cidade de Lagos foi natural o bem-aventurado P. Fr. Gonçalo, chamado de Lagos, religioso da ordem dos Eremitas do P. S. Agostinho, cujo corpo se guarda na vila de Torres Vedras, e é tido em grande reverência, por cujos merecimentos Nosso Senhor tem feito e faz hoje em dia muitos milagres, que no mesmo mosteiro desta ordem são guardados e se acharam na história de sua vida, que, com a dos outros santos e beatos desta ordem e província, cedo sairão a lume, com o favor divino. É, ao presente, alcaide-mor desta cidade Lourenço da Silva, filho de Diogo da Silva, é dista do cabo de S. Vicente seis léguas para levante.

Alvor

A vila, que chamamos Alvor, presumem alguns ser a mesma a que Pompónio em sua Geografia chama Portus Annibalis, por estar na mesma paragem em que ele a situa, que é no marítimo do Sacro Promontório, depois de Lacobriga, da banda do levante.

A particular razão deste nome não achei quem ma desse. Possível é que, vindo este capitão de sua pátria Carthago, por mar, a nós Espanha, no tempo em que nela trouxe guerra com os Romanos sobre a esforçada Sagunto, desembarcasse neste porto ou lhe acontecesse algum caso pelo qual lhe ficasse este nome. Mas, se é Alvor a mesma povoação a que Pompónio chama Portus Annibails ou outra, eu o não ousou afirmar; fique no bom juízo de cada um, posto que a mim muito me persuade ser esta, ver que é porto de mar, que concorda com o sítio e nome antigo, o que não tem outra povoação pelo sertão, mas dentro de que se mostram inda algũas ruínas, que alguns suspeitam ser o Porto Annibalis antigo.

Nesta vila faleceu el-rei D. João, o segundo deste nome e o décimo tércio antre os reis de Portugal, a 18 de Outubro de 1495, porque, como por causa da enfermidade fosse ao Algarve, aos banhos de Monchique, e sentisse que lhe não aproveitavam, passou-se a esta vila Alvor, por conselho dos médicos, onde a poucos dias faleceu, como tenho dito.

No Rio de Alvor entram naus e navios carregados té a vila, como preamar.

Vila Nova

Vila Nova chamada de Portimão, a diferença de outras que neste reimp ha deste mesmo nome, é povoação nova, como seu nome nos dá a entender e se vê pelos geógrafos antigos, nenhum dos quais, escrevendo muito particularmente os lugares desta costa do Algarve, fez dela algũa memória, fazendo a de outras, que, em sua comparação, lhe ficam muito desiguais. Tem boa foz e entram nela navios de 150 e 200 toneladas e sobe pelo sertão duas léguas té Silves, onde tem alguns lugares que por este rio estão e lhe dão muita graça e proveito.

É Vila Nova povoação grande em seu género, nobre o de bons edifícios pera a terra, e de muito trato per diversas partes dentro e fora do reino, pelo bom porto que tem, e vai cada dia em crescimento. Muitas cidades há em Itália e em outros reinos a que ela faz não pouca vantagem e que carecem das boas partes que nela louvo.

Na entrada da barra tem um castelo chamado Ferragudo, que edificou o bispo do Algarve, D. Fernando Coutinho, e um mosteiro de religiosos do bem-aventurado P. S. Francisco, chamado Capuchinhos, que dão à vila, que mais dentro está, graça e majestade.

Foi conde desta vila D. Martinho de Castelo Branco, filho de D. Gonaçalo de Castelo Branco, o que rompeu primeiro a batalha de Castro Oueimado, que el-rei D. Afonso V desbaratou, polo qual serviço e por outros lhe fez mercê desta vila e lhe deu bandeira quadrada. Foi seu escrivão da puridade e veador da fazenda e do príncipe D. João, sendo rei, a almotacel-mor, vedor das obras do reino e resíduos, monteiro-mor e governador da casa do cível. Ficaram dele filhos dos quais o mais velho foi este D. Martinho de Castelo Branco, a quem el-rei D. Manuel

deu título de conde desta Vila Nova de Portimão, a bandeira quadrada, e foi também veador da fazenda del-rei D. João o 2º e del-rei D. Manuel e camareiro-mor do príncipe D. João, seu filho, que foi rei de Portugal, o terceiro deste nome. Ao presente é senhor desta vila D. Martinho, filho do acima dito D. Francisco (sic).

Terá esta vila 1500 vizinhos e começou-se a edificar em tempo del-rei D. Afonso, quarto deste nome, por doze homens que a isso se obrigaram, o principal dos se chamava Portimão, donde tomou o nome.

Silves

A cidade de Silves, em que, ao presente, está a cadeira bispal de todo o reino do Algarve, não é muito antiga; o que parece, porque nenhum dos geógrafos que deste reino escreveram faz menção dela, não deixando de a fazer de Alvor que não está mais longe dela que duas léguas e meia. Se Silves tem esta dignidade antes da perda geral de Espanha, não o ousaria a afirmar, por não ter achado té o presente certa notícia disso; mais me parece que podia estar em Estombre pelas rezões que em seu lugar apontarei. A primeira memória que dela acerca disto acho é que el-rei D. Sancho, o primeiro filho do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, tomou esta cidade aos Mouros, o ano do Senhor 1189 com a ajuda de ùa armada de Franceses e Ingreses e Alemães que ia em socorro da Terra Santa e com vento contrário entraram na barra de Lisboa, e que o mesmo rei, acabando de a despejar dos Mouros, a fez cidade e pôs nela bispo que tivesse cargo dela. A História Pontifical diz que este rei foi D. Sancho Capelo, mas, se o autor dela lhe não escorregou a pena por descuido, enganou-se, porque neste ano 1189, em que isto passou, reinava em Portugal D. Sancho o 1º, acima dito, e não D. Sancho o 2º, que, a diferença do 1º, foi chamado de alcunha Capelo, o qual tomou o reino aos 1223 anos do Senhor que são 34 depois que isto aconteceu.

Não durou muito a Silves esta boa sorte e estado em que dizemos que el rei D. Sancho o 1º a pôs, porque, estando este mesmo rei ausente ocupado na conquista de outras terras, veio sobre ela Jacob, rei mouro de Córdoba, com grande exército, e a tornou a tomar, dando-se-lhe a partido, depois de grandes combates e de não poder sofrer o estreito cerco que nela tinha posto. Quase 70 anos depois desta cidade ganhada por el-rei D. Sancho e perdida, como fica dito, a tornou a tomar o grande capitão e mestre D. Paio Correa, português de nação, mas então vassalo del-rei de Castela, de maneira que em seu lugar se dirá.

Estando, pois, esta cidade sujeita a Castela com algũas outras terras que este capitão e mestre D. Paio Correa neste reino do Algarve tomara aos mouros, imigos de nossa fé, el-rei D. Afonso, o décimo deste nome, filho del rei D. Fernando, o que ganhou aos mouros Córdoba e Sevilha, querendo enobrecer esta cidade e melhorar a igreja catedral dela, no ano do Senhor 1255, fez esmola ao bispo dela, chamado D. Garcia, e ao cabido, por alma do seu pai el-rei D. Fernando, de todas as igrejas que então havia no Algarve e ao diante houvesse, reservando pera si o padroado delas, e mais lhe deu os dízimos da bodegas e de todo o almoxarifado do Algarve e lhe confirmou os donadios que antes tinha dado a D. Frei Roberte, bispo que antes nela fora, com outros bens na mesma provisão nomeados. Desta doação ficamos entendendo não haver muito tempo que Silves era bispado, pois inda seu bispo nem o cabido tinham

igrejas anexas nem os dízimos e outras cousas que esta provisão el-rei novamente lhe concede. Depois disto, no ano 1270, sendo já o reino do Algarve da coroa de Portugal, el-rei D. Afonso, o terceiro deste nome, querendo reparar, conservar e dotar com dões a sé desta cidade, a exemplo dos príncipes católicos, concedeu ao venerável P. Mestre Bertholameu, bispo dela, e a todos seus sucessores canonicamente eleitos o direito padroado da igreja de S. Tiago de Tavira, para que o encomendassem em suas orações, a qual se diz o mesmo rei nesta doação que de tempo muito antigo era muito rica, famosa e resplandescente.

Naquele tempo, que agora há 306 anos, bem podia ser isto, mas, ao presente, muito ao contrário vemos tudo, assim no serviço, fábrica e ornamento da sé como nos edificios e moradores da cidade, na qual casa que ãa vez cai nunca se levanta e a mor parte dela está já arruinada e sem gente. A causa disto dizem alguns ser a maldição de um bispo inocente que nela foi morto; outros dizem, o que é mais de crer, ser seu sítio, de muitos anos a esta parte, doentio e de maus ares, pelo que, certos meses de Verão, a mais da gente que pode se vai viver a outras terras e a suas quintas, quem as tem, de maneira que não aguarda nela senão algũa gente da mais pobre e alguns cónegos e outros clérigos para serviço da igreja. Esta foi causa por que alguns bispos trabalharam mudar a sé e cabido pera Fárão, lugar marítimo e sadio; e as bulas desta mudança foram expedidas e a terra, da vila, feita cidade, mas não houve efeito, porque alguns dos cónegos naturais da terra e que nela tinham suas casas e fazendas o contrariaram e sobre isso houve enfadamentos antre eles, até que este presente ano de 1577 houve efeito esta mudança na Semana Santa.

Não tem Silves dentro de si nem fora mosteiro algum de frades nem de freiras, que é assaz argumento de sua pouca bondade, nem outra freguesia mais que a Sè. Polo rio abaixo edificou, quase ãa milha, o bispo D. Manuel de Sousa um mosteirinho dos Capuchinhos do P. S. Francisco, porque outros não creio que aguardaram aí.

Tem ãa ribeira que lhe corre por junto da banda do sul, com ãa boa ponte, onde, com águas vivas, chega a maré, que lhe sobe pela barra acima duas léguas.

Alguns dizem, e não sem razão, que a edificação de Vila Nova na boca da barra deste braço do mar foi grande parte da diminuição desta cidade, à qual se mudou todo o trato e comércio que a ela vinha, de maneira que o bem de ãa fez mal a outra.

O termo de Silves é grande e há nele muita terra boa para semear e pera criações e se faria nela muito proveito, mas falta-lhe a gente e a astúcia e trabalho que à arte e exercício da agricultura é necessário. Um sítio de terra lhe cai contra o mar que tem quase duas léguas em comprido, toda chã e frutífera, que os moradores têm suas quintas de figueirais, olivais e vinhas, a quem chamam Lobite, a qual, se caíra em mãos de nação italiana, fizeram nela outro paraíso terreal; mas como os Portugueses naturalmente somos pouco astuciosos e nos contentamos com pouco, quási tudo, ao presente, está perdido, o que lamentando um dos seus naturais dizia:

*Ai de ti, pobre Lobite
Que assi te echas de panasco!
Quem te vira noutro tempo,
Quando tu por ãa davas cento
E parecias outro Damasco.*

É este bispado sujeito nas apelações ao bispado de Évora. O alcaide-mor de Silves é, ao presente, Fernão da Silva, filho de Rui Pereira da Silva e neto do regedor João da Silva.

Alagoa

A vila chamada Alagoa está de Silves ~ua légua pera levante, pela rota que neste caminho levamos; terá 300 vizinhos, tomou o nome de ãa grande alagoa de água empoçada que tinha diante si, a qual se vazou e enxugou depois por certas aberturas que lhe fizeram em torno e pelo meio, não sem grande indústria e gasto, mas tudo bem empregado, porque, além de ficar a terra mais sadia, lavra-se nela muito pão e toda a semente que lhe deitam dá em grande abundância.

Não falta quem diga que junto desta vila estava antigamente a cidade de Lacobriga, de que Pompónio fez menção no Sacro Promontório, mas já disto dei algúas rezões, quando tratei de Lagos. Não longe desta vila se começou, em nossos dias, um mosteiro de N^a S^a do Carmo, o qual vai em crescimento, posto que lhe faltaram os dízimos da Alagoa acima dita, a cuja sombra se começou, e os religiosos dele fazem muito proveito a toda a comarca com seu exemplo e doutrina.

Albufeira

Albufeira é ~ua vila moderna, bem cercada, situada na ribeira do mar oceano, cinco léguas de Lagos, contra o levante. Terá, ao presente, 500 vizinhos, antes mais que menos. Faz a costa junto dela ~ua baía e o mar ~ua pequena entrada, com que a cinge da banda do levante, mas já agora lhe vai entupindo de areia, cada vez mais, com suas inquietas ondas. O mais dela é povoado de lavradores e tem muitos figueirais e nela se carrega muita mercadoria desta pera diversas partes.

É, ao presente, alcaide-mor dela Luís de Azevedo e agora Diogo de Azevedo, seu filho.

Alcantarilha

A vila chamada Alcantarilha está légua e meia de Albufeira pelo caminho que levamos. Terá passante de 200 vizinhos, todos lavradores de boas terras e figueirais que em seu termo tem. Esta vila se começou a cercar agora em nossos dias por ocasião de ãa saída que fizeram os Mouros na costa do mar, que perto está, o ano do Senhor 1550, que a saquearam com alguns lugarinhos que não longe dela estão.

Farão

A cidade de Farão é marítima, moderna, pelas mesmas razões que em Vila Nova apontamos. Foi a primeira que el-rei de Portugal, D. Afonso o 3º, tomou aos Mouros, depois que seu sogro, el-rei D. Afonso I deu este reino do Algarve. Está bem assentada e é cercada de bons muros, com seus arrabaldes de fora, e tem boas casas, todas povoadas de mareantes, mercadores e outra gente que vive por sua lavoura.

Tem Farão bom porto e seguro, a que se entra pela foz do rio Bias, que está apartada da cidade quasi ũa légua e meia, e este rio é de água salgada e tem duas bocas; por esta, que é a maior, entram navios de 150, 200 toneladas e pela outra, menos principal, caravelas e outros baixéis desta sorte.

Está Fárão afastada de Silves distância de nove léguas pela costa e tem muito e bom peixe, mas de pão algũas vezes é falta, por ter pequeno termo; porém, como é porto de mar, sempre lhe acode de fora, quando se sente falta.

Há nela duas freguesias, ũa de Santa Maria chamada de Fárão, Igreja grande e antiga, onde se determinava mudar a matriz de Silves e, como fica dito, já está mudada este ano de 1577, na Somana Santa, a outra, S. Pedro, que agora fazem os mareantes de novo e virá a ser um templo sumptuoso, conforme aos princípios que leva.

Tem esta cidade em si e em seu termo passante de 2.000 vizinhos e há nela gente nobre e cavaleirosa. Fê-la el-rei D. João o 3º cidade, em tempo do bispo D. Manuel de Sousa, que foi o primeiro e que mais força pôs na mudança da igreja catedral para esta terra.

Importa a el-rei a alfândega dela, uns anos por outros, 2.000 cruzados. Esta cidade e a de Silves, já desde o tempo del-rei D. João o 2º, são património das rainhas de Portugal e só os dízimos do peixe miúdo e do sal e a portagem desta terra lhe importa comumente 3.000 cruzados e às vezes mais. Há nela três armações de atuns que também são das rainhas e elas de sua mão põem os oficiais que feitorizam toda esta renda e com ela respondem a seus tempos ordenados.

Pouca distância fora dela tem um mosteiro do P. S. Francisco, que fundou Nuno Rodrigues Barreto para Capuchinhos, e nele moraram algum tempo. E no ano de 1564, à instância da devota rainha D. Caterina, mulher del-rei D. João o 3º, trocaram com os observantes de Vila Nova e se melhorou toda a casa e cerca, como se fora feita de novo. Dentro, na própria cidade, tem outro mosteiro de freiras capuchas da mesma ordem, que vivem em grande recolhimento e aspereza, o qual teve princípio em ũas mulheres honradas e velhas que naquele mesmo lugar faziam vida recolhida, à maneira de beatas; e esta devota rainha lhes edificou mosteiro sumptuoso e provê de todo o necessário.

D. Afonso, irmão de D. Fernando, o segundo duque de Bragança, foi conde de Fárão no tempo que era vila e, ao presente, é alcaide-mor dela Rui Barreto e também o foram seus antepassados.

Loulé

«Loulé é vila grande e bem assentada, situada no sertão, duas léguas de Fárão para a parte do norte *. Não é das antigas de que os geógrafos fazem memória, porém é a segunda

que el-rei D. Afonso o 3o. tomou aos Mouros, depois de Fárão, neste reino do Algarve. Tem grande e bom termo e por isso é abastada de pão, vinho, azeite, carne, figos e de peixe que lhe vem cada dia de Fárão, de maneira que tem todo o necessário pera a vida humana, sem o ir buscar fora, o que se acha em poucos lugares.

Há nela e em seu termo passante de 1000 vizinhos e quási todos são lavradores e criadores de muitos gados, porque é terra muito aparelhada pera esta grangearia, pela serra que tem por vizinha. Mora nela muita gente nobre e abastada e que pera qualquer rebate de Mouros, que nesta costa continuam muitas vezes, se prezam não serem os derradeiros.

Tem dous mosteiros de religiosos, um deles antigo, no cabo da vila, que foi primeiro da ordem do P. S. Francisco e ela o deixou por certos respeiros e é agora dos eremitas do P. S. Agostinho; o outro foi edificado agora, de novo, algum tanto apartado, pera os capuchinhos do mesmo P.S. Francisco.

Foi conde desta vila Loulé D. Henrique de Meneses, filho do conde D. Duarte de Meneses, o que morreu em África, em tempo del-rei D. Afonso o 5º., o qual rei a deu em condado a este D. Henrique, seu filho depois da morte de seu pai. Depois disso ficou Loulé à condessa de Marialva, sua filha, por sua morte se tornou à coroa e foi conde dela o infante D. Fernando, filho del-Rei D. Manuel. Ao presente é alcaide-mor dela Gonçalo Nunes Barreto.»

Estoi

Estoi, ao presente, é um lugar de pouco mais que 150 vizinhos, perto de Fárão, ~ua légua do mar e donde se ele bem vê e quatro de Tavira.

Nesta vila ou aldea se acham ruínas e vestígios de edifícios antigos, que alguns dizem serem da Ossónoba antiga que os géografos situam no Promontorio Cuneo, que é o Cabo de Santa Maria. Pera prova disto trazem rezões bastantes, com que claro mostram não poder ser Ossónoba Silves, como o disse Olivário nas anotações que fez sobre Pompónio Mela. E com ele Valgrísio, nos *Ptolomeus de Veneza*, nem ainda Estômbar, como outros querem, pois estes dous lugares ambos estão muito afastados do Sacro Promontório e não no Cuneo, onde Pompónio e Plínio situam a Ossónoba de que falamos. Além disto, temos o *Itinerário* de Antonino, o qual de Balsa, que é Tavira, a Ossónoba não põe mais de dezasseis milhas que quadram bem com as quatro léguas que hoje há neste caminho de Tavira a Estoi, sem lhe minguar cousa alg~ua; e de Tavira a Silves há treze grandes, que é muito crescimento.

O sítio e termo de Estoi é muito fresco, de muitas fontes e boas águas e de tal disposição que poderia bem nela estar ùa grande povoação, como foi Ossónoba em seu tempo, o qual, pelas memórias que os escritores nos deixaram, achamos que de cinco cidades ou lugares que neste reino do Algarve havia, que eram Estrum, Balsa, Ossonoba, Portus Annibalis e Lacobriga, Ossonoba era a mais nobre e antiga de todas elas. Mas, como o tempo tem por costume gastar todas as cousas e pô-las em esquecimento, também gastou a Ossónoba, da qual diz Raxis, mouro e cronista Almange(?) de Córdoba, que, em seu tempo, inda era grande e populosa e podemos dizer que dela nos não ficou mais que a ossada e o nome que ainda dura pera sua memória. Há ainda dela ~ua torre e uns aquedutos, mas já arruinados, afastados donde foi a cidade, quanto um tiro de besta, da banda do leste ao meio dia, pelos quais vinha água a Ossónoba de ~uas fontes por um cano chamado alfau. Acham-se assi mesmo edifícios

que serviram de banhos e todas as casas deste lugar Estoi estão edificadas sobre fundamentos e alicerces velhos, segundo afirmam os antigos, e se servem ainda os moradores da água que pelos canos corre, como faziam antigamente.

Foi esta cidade Ossónoba um dos mais antigos bispados da Lusitânia e ainda de toda Europa, porque seu bispo, por nome Vincênsio, se acha presente e subscreveu no Concílio Eliberitano da província Bética ou Andaluzia, que se celebrou em tempo do papa S. Silvestre e do grande

emperador Constantino, cuja mae, S. Elena, com seu neto Constantino, dizem alguns se achou presente. E está claro ser este o primeiro concílio da nossa Espanha e que concorreu com o grande e geral Nisseno, segundo de seus escritos parece. Também na repartição que este mesmo emperador Constantino fez dos bispados de Espanha, que foi inda antes deste concílio, ficou este de Ossónoba sujeito ao bispado de Mérida, que naquele tempo era cabeça da Lusitânia e com ele Beja, Lisboa, Coimbra, Lamego, Évora e outros de que já não pode dar razão, pelas mudanças que neles depois houve. Este bispado de Ossónoba dizem alguns escritores que se mudou pera Silves, mas que razão pera esta mudança houve, nem o tempo em que se fez nenhum até o presente achei que nisto falasse, o que eu agora aqui farei por me mais em obrigação nesta escritura. Pera o que é de notar que era cidade Ossónoba e seu bispado permaneceu em sua dignidade desde o tempo do emperador Constantino, em que começou, té a geral perdição de Espanha, em que passaram mais de quatrocentos anos, e nela se perdeu com os mais que nesta província havia. Parece claro isto pelo concílio oitavo toledano, celebrado em tempo do devoto Ressidundo, vigésimo nono rei dos godos, a cerca dos anos 700 do Senhor, pouco antes desta lastimosa destruição, no qual concílio se achou presente e subscreveu Saturnino, bispo de Ossónoba. De maneira que, com verdade, podemos dizer que este bispado e também a mesma cidade se destruiu e se perdeu nesta tormenta de tão largos anos, que os Mouros possuíram quasi toda Espanha, de que a pior parte coube a este reino do Algarve, por estar deles mais vizinho e nele terem os Mouros a escala de toda a África, donde veio esta peste à nossa Espanha. Isto mesmo podemos dizer da cidade britolense que Ptolomeu situa no campo de Ourique e da Alcobriga Lusitânia, cujos bispos se acharam presentes e subscreveram neste mesmo concilio; e agora nem de seus bispados nem das mesmas cidades nem de seus sítios temos particular notícia.

Tavira

A cidade de Tavira, sem algũa dúvida, é, ao presente, e foi sempre a principal de todo o reino do Algarve, não só na grandeza da povoação e dotes que a natureza repartiu com o solo do seu sítio, mas também na nobreza dos moradores dela, que são as três excelências que fazem ãa terra nobre e que com razão se pode gloriar delas.

É Tavira cidade marítima muito bem assentada e situada pelos geógrafos no Promontorio Cúneo, a que agora chamamos o Cabo de Santa Maria, e a primeira de que fazem menção os que a descrição desta costa do Algarve começam do rio Guadiana, como foram Pompónio Mela e Ptolomeu. Foi chamada esta cidade dos geógrafos antigos Balsa e agora seu nome é

Tavira ou Tavilla e a razão desta mudança dizem alguns dos moradores ser o acontecimento seguinte como o mestre de Santiago D. Paio Correia, passasse por esta cidade o mesmo dia que a ganhou aos mouros, entrando com eles em tréguas, e fosse socorrer aos sete cavaleiros que andavam a caçar e os achasse já mortos, segundo em seu lugar se dirá, foi movido a grande ira e disse à gente que consigo levava: «Ta - vira ou Ta - a villa», como quem diz como quem diz *Ta*, não vades mais adiante, mas voltai atrás e tomemos dar na vila que atrás nos fica e tomemos vingança da injúria que estes Mouros a nossos cavaleiros e a nos nos fizeram.

Poucas terras há em que não haja ãa patranha semelhante. como a nossa Lisboa, porque não vamos catar mais longe, de cujo querendo um dar razão que *Lix* fora um homem e que Boa era sua filha*. De Évora, outros também, movidos por duas cabeças, uma de um homem e outra de mulher, que estava cidade traz por armas aos pés de um cavaleiro armado, dizem que é Évora e Evorinho*, não sabem o que significam estas cabeças, as do mouro e de sua filha, que estavam por atalaias na torre, quando Giraldo Sem Pavor subiu a elas e lhas cortou e tomou esta cidade e a entregou a el-rei D. Afonso Henriques. E, posto que assim seja, não se pode deixar de crer que algũa ocasião havia de haver pera ãa vila ou cidade perder seu antigo nome e de tomar outro tão despropositado como é o de Tavira, que sucedeu ao de Balsa, pois sabemos bem que lho não puseram os Mouros no tempo que este reino possuíram nem é de sua língua nem se corrompeu de um em outro, como foi de Cetobriga em Setuval e de Eburobritium em Bombarral e o de Merobriga em Odemira; e vemos em nosso mesmo reino haverem acontecido semelhantes mudanças em alguns lugares como a Scalabis, que por lhe vir nova hóspede ou moradora a gloriosa Virgem Santa Iria, natual de Tomar, perdeu seu primeiro nome e agora lhe chamamos Santarém e a Conímbriga antiga, que, por mudar a outra parte sua povoação e deixar a que antes era, lhe chamamos hoje Condexa, e desta maneira podemos ter que acontecesse a esta cidade de Tavira, enquanto não achamos outra razão de sua mudança mais suficiente que a acima dita, pois pareceu a outro que bastava para perder o nome a antiga e famosa Cartago pela ver destruída e espantando-se dizer “Tune es” e daqui lhe ficar este que agora tem.

Os vizinhos, que Tavira pode ter em si e em seu termo, *serão* três mil, pouco mais ou menos, e foi toda cercada de bons muros, ao modo antigo, mas já em algumas partes estão arruinados e ocupados como casas da banda de dentro e também dos arrabaldes, que depois os moradores fizeram, o que não se devia permitir, ao menos em cidades e outras terras marítimas e fronteiras aos imigos, como é Tavira. Todos a ãa nos dizem que foi já muito mais nobre e populosa e quem a vir *assim* o o julgará, porque, sem dúvida, a terceira parte dela está arruinada e *sem* moradores e a mais barata mercadoria e que mais presto nela se acha são casas, ao menos se não estão na praça ou nos lugares mais frequentados de povo. Muitas causas apontam os moradores deste menoscabo e diminuição e uns dizem que foi deixar el-rei D. João o 3º. os lugares que os Portugueses haviam ganhado e possuíam em África*, porque, como Tavira era a principal terra do Algarve, ela servia de escala e a todos eles e com a continuação dos passageiros e das mercadorias que dela vinham, que era muito mel, cera, courama, pescado seco, tâmara, cavalos e gado e com outras, que em retorno do nosso reino iam, engrossava a terra muito. Outros dizem que também deu causa a isto mudarem-se muitos mercadores e outros homens ricos da mesma cidade pera Sevilha e mais lugares marítimos de

Castela, polos muitos ganhos que sentiam nos tratos das Índias do mesmo reino, cujo rei não consinte ir tratar a elas os estrangeiros, mas somente seus naturais ou ao menos moradores de suas terras. Eu, que alguns anos nesta cidade fui morador, alcancei outra que não faz pouco ao caso, que não calarei, e é a pouca a humanidade e muitas vexações que fazem aos estrangeiros, que de outros reinos a ela por mão vêm com suas mercadorias, pelos que têm arrendadas as alfândegas e outros direitos, de maneira que os que isto ãa vez experimentam vão escandalizados e jurando de lhe não se tornar a entrar mais pela barra dentro. O contrário disto sabemos que se faz em Aiamonte, primeiro lugar de Castela, seis léguas afastado pera levante, onde o duque, senhor da terra franqueia algũas mercadorias e noutras aos que trazam e desta maneira os estrangeiros acodem mais a seu porto; e a vila de pouco tempo a esta parte vemos ir em grande crescimento, ao contrário da nossa Tavira.

Está dividida esta cidade em duas partes, como Roma e Sevilha, e passa-lhe um braço de mar pelo meio, ãa légua adiante, o qual lhe dá muita graça e fescura, e tem sua ponte por onde os moradores se comunicam sem enfadamento. Na boca ou barra desse rio, que está afastada da cidade quási ãa légua, faz, ao presente, el-rei D. Sebastião ãa torre e fortaleza, com que as naus grossas, que estiverem da barra pera dentro ou a ela se acolherem, ficarão mais seguras e os imigos menos ousados do que soíam de acometerem qualquer insulto.

Desta barra à de Fárão acima dita há quatro léguas pera a banda do poente e de da à outra corre um braço de mar por dentro de terra quanto um tiro de espingarda e às vezes mais e menos, a que os de Tavira chamam rio de Santa Luzia, por causa de ãa ermida que junto dele está, o qual a natureza pôs por muro e amparo dos imigos às terras que a este espaço estão, por não ser navegável em muitas partes sendo com barcos e outros baixéis desta sorte. Há continuamente pescadores neste rio e toma-se nele todo género de peixe e de marisco e tudo tão avantejado ma bondade e sabor que facilmente se conhece.

O ano de 1571 se descobriu nesta costa, defronte da cidade, duas leguas ao mar, tanta soma de ostras todas juntas, pegadas das nas outras, que diziam es pescadores que faziam vulto de da grande serra. Os primeiros que a começaram a pescar foram Castelhanos, com uns ancinhos grandes de termo a que chamavam rastros e uns grandes penedos em cima deles, com ãa rede de cordas de trás e tudo isto levavam à toa por cordas, ãa barca remando com grande força, de maneira que todas as ostras que o ancinho com seus sentes levantava, apanhava a rede que detrás ia. Amanhecera um dia neste lugar passante de vinte barcos castelhanos, todos a pescar com este engenhos, o que vistos polos da governança da cidade, mandaram a eles o bergantim de vigia. que sempre anda armado, e tomaram-lhe as velas e mais as ostras, porque se atreveram a pescar naquela paragem, sem licença, e, posto que davam de concerto boa soma de dinheiro por os deixarem pescar e se obrigavam trazer à cidade cada dia ãa barca de ostras a vender por bom preço, não lho aceitaram por reclamarem os pescadores da terra, dizendo que este ganho pertencia a eles; valia o milheiro delas vinte reales de prata, que são pouco mais de sete tostões, e, em Castela, dobrado, e eram tão grandes e fermosas como quantas os homens viram. Durou esta pescaria pouco mais de um ano e faziam os pescadores tanto proveito nelas, posto que as mais iam para Castela, que não quem fosse ao mar pescar outro peixe; mas, sobrevindo ~uas tormentas, moveu-se a areia

com a força das ondas e tornou a cobrir esta mina e não se pescaram mais como soíam. Disto não pesou a muitos do povo e diziam que fora castigo de Deus pera os pescadores, os quais o faziam tão mal com a cidade, que, morrendo as Ostras junto dela, não havia quem pudesse alcançar um cento e pera Castela iam cada dia barcada delas. E desta maneira fazem também ao pescado, porque muitas vezes se acontece que em Aiamonte está o nosso peixe às moscas, como dizem, e em Tavira não se pode achar ũa venda dele, por valer lá sempre mais caro e lho pagarem em reales, que eles estimam mais que os nossos patações.

Mas, tornando-me à cidade, digo que teve dentro de si duas freguesias e cinco derramadas pelo termo e dous mosteiros de religiosos e um de freiras e ũa boa Casa da Misericórdia e um hospital com mais de quinhentos mil réis * de renda, as quais casas ambas os moradores fizeram à sua custa. A principal freguesia chama-se Santa Maria e é da ordem de Santiago, como o são quasi todas as deste reino; a outra é da invocação do apóstolo S. Tiago, a qual el-rei de Portugal D. Afonso III deu ao bispo e cabido, como já acima disse, falando em Silves.

O mais antigo mosteiro é dos Observantes do P. S. Francisco e, posto que seu edificio é da têmpera velha, como se diz, de poucos anos a esta parte se vai melhorando nas oficinas. Está bem situado, tem boa cerca e nela muita água. O segundo mosteiro, na ordem do tempo, é de freiras de S. Bernardo. Começou-o a edificar el-rei D. Manuel e depois o acabou o bispo do Algarve, D. Fernando Coutinho, e lhe dotou cinquenta mil réis de juro e outros alguns foros na terra pera sua manutenção. O terceira mosteiro é de religiosos Eremitas do P. S. Agostinho, ao qual deu motivo e prencípio, no ano de 1542, um religioso da mesma ordem. por nome Fr. Pedro de Vila Viçosa, o qual já antes disto tinha começado outro em Azamor e, como el-rei D. João o 3.º, neste tempo, deixasse os lugares que este reino possuía em África, foi-lhe forçado deixar ele também o que tinha começado. E passando a esta cidade Tavira, que então ainda estava próspera, como tenho dito, fez seu assento na judaria, que estava junto dum poço, que inda está dentro na cerca do mesmo mosteiro, e da esnoga fez igreja, a que pôs por invocação de N. S.^a da Graça e alcançou pera ela muitos poderes de Roma e ajuntou logo consigo alguns religiosos de sua ordem, com quem vivia pobrememente, pedindo polas portas dos fiéis, mas tendo muito cuidado que na casa não faltassem sermões, confissões para o povo e todo o outro género de consolação que nos mosteiros bem ordenados costumam achar os que a eles vão. Neste lugar e desta maneira viveram muitos anos sem começar novo edificio, porque acerca do sítio havia diversos pareceres, té o ano de 1568 em que a ordem me mandou a esta terra pera que, tomado sobre o caso maduro conselho, se determinasse o que mais convinha. E assim, com a ajuda e favor divino, se começou a obra, como ora vai, o ano seguinte de 69, na qual assiti quatro anos com os trabalhos que as obras de tal qualidade trazem consigo, mas não sem algum gosto de me parecer que, por tempo, poderia vir a ser um dos bons conventos da Província.

El-rei D. Manuel o 1.º fez a Tavira cidade, posto que ela neste foro esteve nos tempos antigos, como consta dos autores que dela escreveram, mas por estar só quatro léguas de Ossonoba, de que acima tratei, que era bispado, o não foi ela também, não lhe faltando partes pera isso, como outra qualquer, e a razão por que não se fez, depois da perda de Espanha, creio ser por el-rei D. Sancho Capelo ganhar primeiro dos Mouros a Silves e a querer logo

enobrecer com esta dignidade, da qual a não quis privar el-rei de Castela, D. Afonso, quando a segunda vez a tornou a tomar. Rende sua alfândega e sisa a el-rei dez mil cruzados, uns anos por outros. E o Marquês de Vila Real tem nela a renda da portagem da terra e do mar e os quintos do pescado que morre na costa e o dízimo do que morre no alto. De tudo isto fez mercê el-rei D. Afonso o 5o. a D. Pedro de Meneses, conde de Viana, o primeiro marquês e instituidor da Casa de Vila Real, pera ele e seus sucessores pelos serviços que lhe fez em África, onde foi o primeiro capitão da cidade Ceita, situada na garganta do freto Hércules, a que agora chamamos Estreito de Gibraltar.

O termo de Tavira, que cai no longo da costa, julgado por homens desafeiçoados e que o entendem, é o mais alegre, fresco e proveitoso de todo o reino, que, a não lhe faltar paz, pudera competir com o melhor de nossa Espanha. Todo está povoado de quintas, cheio de hortas e prantado de figueiras, amendoeiras, romeiras, oliveiras e outro arvoredo de toda sorte. De maneira que quem olha na Primavera representa ãa bela vista e não há ramalhete de diversas flores e ervas cheirosas nem pano de armar, por fresco que seja, a que se não possa bem comparar. Os julgadores * que ãa vez a ela vão e os feitores, que por algum respeito fazem nela detença, todos a ãa voz lhe dão este mesmo louvor e a não deixariam, se lhe fosse possível, e tem-se por refrão entre eles verdadeiro que, *“quem ãa vez morou em Tavira, sempre por ela suspira”*. E esta, a meu ver, se pode dar por boa razão, porque Tavira é povoada de toda ou da mais fidalguia do reino e nela se acham pessoas de todas as gerações nobres de Portugal, porque, como da conquista dos lugares de África, em que os reis trabalharam muito tempo, esta fosse a escala, onde todos acudiam, achando-se os homens nela favorecidos da natureza, fizeram nela seu assento. Há nela Melos, Cunhas, Corte-Reais, Paçanhas, Barretos, Pantojas, Correias, Ichoas, Viegas e outra muita gente nobre que nela mora e que está derramada por suas quintas e fazendas. Todos estes, não menos que os que estão em Africa, vivem sempre com o olho sobre o ombro e recatados dos imigos que muitas vezes fazem saídas nesta costa, a qual eles no Verão vigiam de dia e de noite, com o pé na estribeira e lança em punho, como dizem, sem por isto terem salário ou prémio algum mais que a honra de defender sua pátria, porque se prezam pouco de ricos e muito de bons cavaleiros. E, como isto assim seja, não pouca obrigação tem ~~onde~~ os favorecer a todos com honras e mercês, pois eles vigiam ~~para que~~ nós durmamos. Eles trabalham por que nós desansemos e ~~nos servem~~ de muro e fortaleza, e cuja sombra o reino se tem por seguro. E, quando cá nos chega a nova do rebate, já eles têm todo o seu cabedal metido a-terreiro.

El-rei D. Manuel deu a alcaidaria-mor desta cidade a Vasque' Eanes Corte-Real e dele ficou a seu filho Bernardo Corte-Real, cuia herdeira casou com Martim Correa da Silva, que agora é alcaide-mor dela.

O derradeiro de Janeiro de 1573 entrou a primeira vez nesta cidade el-rei D. Sebastião e saíram-no a receber os moradores, os mais custosos que puderam, a Nossa Senhora da Luz, ãa légua da cidade, com oito bandeiras da ordenança de pé e de cavalo e os capitães lhe beijaram a mão. Na porta que chamam de Malforo, por onde entrou, tinham feito um arco triunfante e junto dele um teatro, donde lhe fez a fala António Mimoso, prior que era da igreja de Santa Maria, a qual ouviu com atenção. Fez esmola ao mosteiro de S. Francisco de cem cruzados e ao de Nossa Senhora da Graça duzentos pera as obras dos ditos mosteiros. Mandou soltar todos os presos que não tinham partes e tomou alguns filhos de fidalgos no

mesmo foro de seus pais e outros de menos estofa por moços da câmara. E que todo o mercador, que pagasse quarenta mil réis de direitos, tivesse menagem e a toda a cidade concedeu os privilégios de Montemor. E depois de estar na terra três dias partiu pela posta a Crasto Marim de que adiante farei menção.

Cacela

A vila de Cacela é marítima e está duas léguas de Tavira pela costa contra levante. Foi esta vila, em outro tempo, muito maior do que agora é, como parece pelas ruínas e alicerces velhos que em torno estão e também porque o Mestre de Santiago, D. Paio Correa, deu em troco por ela aos Mouros dous lugares a saber: Alvor e Estombre, como em seus lugares parecerá.

Tem boa fortaleza, num teso, sobranceira ao mar, e nela começa ãa fermosa baía que se estende por espaço de quatro léguas pela costa contra levante té dar na foz do rio Guadiana, na qual há continuamente muitos pescadores com suas cabanas, onde chamam Monte Gordo, e se toma nela muito pescado, mas quasi todo ele se come em Castela por estar vizinha e nela sempre valer mais.

O termo de Cacela tem boas terras de pão, figo, e criações e por ele está derramada quasi toda a gente da vila, em suas quintas e fazendas, mas não muito segura nos imigos, que no Verão poucas vezes faltam nesta costa.

El-rei D. Afonso o 3o. fez doação pera sempre, com parecer e consentimento dos principais do reino, de castelo e vila de Cacela, pela saúde de sua alma e de seus descendentes, ao Mestre de Santiago, D. Paio Pires Correa, e a toda a Ordem cuja presente é.

Arenilha

S. António de Arenilha é ãa vileta pequena, situada na foz de Guadiana, na volta que a costa faz da banda de Portugal pera o norte, deonde the entra este rio. Nem ela nem seu termo têm de que lhe façamos mais larga memória nesta escritura. É senhor dela, ao presente, Luís Leite, filho de António Leite, capitão que foi em Mazagão e depois em Azamor, antes que el-rei D. João III deixasse os lugares de Africa, e este lugar lhe deram em recompensa ou em casamento com a primeira mulher, chamada D. Caterina, segundo alguns dizem.

Castro Marim

A vila de Castro Marim é marítima e ãa das antigas deste reino do Algarve. Faz memória dela Antonino, em seu *Itinerário*, e chama-lhe *Estrum*, como se lê na melhor impressão destes livros, que é a de Paris; e prova-se ser este lugar *Estrum* Crasto Marim e não Xarez, como alguns sem rezão ou fundamento interpretam, pelo sítio onde está, pelo conto das milhas e léguas e pelo nome que ainda retém em parte, que são os mais certos argumentos que nesta

matéria de ãa terra podemos ter. No mesmo Antonino está bem entendido tudo isto, mas a falta da consideração e pouco discurso, que alguns escritores têm acerca dos lugares, lhes faz muitas vezes errar na computação deles e dizerem ãa cousa por outra, como nesta vila veremos, pera cuja declaração digo que Antonino, em seu *Itinerário*, faz dous caminhos deste lugar Esturi ou, por melhor dizer, *Estrum* té outro, a que ele chama *Pax Julia*, um deles per compêndio que é per atalho, como dizemos, e outro por rodeio, como ele sempre costuma. No primeiro poem setenta e seis milhas, desta maneira: de *Estrum* a *Myrtilis* quarenta milhas, que concordam bem com as dez léguas que há hoje de Castro Marim a Mértola; e de *Myrtilis* a *Pax Julia* põem trinta e seis, que vem a fazer, sem algũa falta, as nove légias que há de Mértola a Bejae quatro milhas por légua, como sempre ele conta. No outro caminho por rodeio põem de *Esturi* a *Balsa* vinte e quatro milhas, que são as seis léguas que há de Castro Marim a Tavira, e de Balsa a Ossonoba põem dezasseis milhas, que caem bem com as quatro léguas que há de Tavira a Estoi, que dizemos ser a Ossonoba antiga. E dali prossegue a sua rota té dar em *Pax Julia*, donde ficamos entendendo não poder ser outro lugar *Estrum* senão o nosso Crasto Marim, como tenho dito, sem o irmos buscar a Castela, onde os geógrafos o não situam. E, quanto ao nome mudar-se de Estur em Crasto, que não difere muito, não o tenho por dificultoso, considerando as muitas mudanças que o tempo tem feito em nossa Espanha, não só nos nomes mas ainda nos mesmos lugares com que já agora não atinamos.

Está Crasto Marim edificado na cabeça de um monte alto, de todas as partes cercado de mar senão do poente, e seu sítio é bem acomodado ao lugar donde está, que é fronteira de Castela, onde tem por competidora ãa grande vila, mas espalhada, chamada Aiamonte, não se metendo antre ambas elas mais do que espraia o rio Guadiana em sua barra, que pode ser pouco mais ou menos de ãa légua.

É o mais desta vila cercado com boa fortaleza e seu arrabalde e tudo junto representa majestade aos que a vêem de longe, polo lugar alteroso ~~em que se presta, com que mostra seus edificios, tudo o qual bem considerado, parece que envaidecido da própria natureza está ameaçando não se à sua vizinha Aiamonte mas a toda Castela.~~ El rei D. Dinis, vendo nela estes perigos, renovou seus antigos edificios e a fez convento cabeça de Mestrado e Ordem dos Cavaleiros de Cristo que ele novamente instituiu nestes reinos, e lhe applicou, por autoridade do papa Clemente V, as rendas que os Templários antigos tinham em Portugal, cujas reliquias estes eram. ~~Depois em alguns anos se mudou este convento para a antiga vila de Tomar, que antes fora da Ordem dos mesmos Templários e é hoje um dos célebres conventos de toda a Cristandade assim em renda como em toda a virtude e religião.~~

Tam Castro Marim muitas marinhas de sal, muito peixe, em seu termo muitas carnes e muita caça em seus montados, mas como tem tão perto de si Castela, onde estes mantimentos sempre valem mais caro, ela lhe come tudo.

É alcaide-mor dela, ao presente, D. Luís de Ataide.

Azinhal

Azinhal é um lugarinho de trinta vizinhos, pouco mais de ãa légua de Crasto Marim, cujo termo é pelo rio Guadiana acima, da banda de Portugal.

A do Leite a Maior é ãa aldeia que terá cem vizinhos, está antre Crasto Marim e Alcoutim, três léguas dũa vila e da outra, algum tanto metido pelo sertão.

A do Leite a Menor é ãa aldeia de vinte vizinhos; está junto donde a ribeira do mesmo nome se mete em Guadiana, três léguas abaixo de Alcoutim.

Alcoutim

Alcoutim é ãa vila situada na ribeira de Guadiana, seis léguas da barra, pelo rio acima, pera o norte. É pequena na povoação, mas fresca no sítio, porque goza do mesmo rio que lhe bate nas portas e de muito arvoredo e fruta de que as ourelas deste rio estão acompanhadas assim da banda de Portugal como de Castela, com que faz sua navegação não pouco deleitosa, em especial nos meses de Verão e Primavera.

Tem Alcoutim muitas criações de gados e caça de toda a sorte, por que seu termo é grande e está no melhor das serras do Algarve, por onde lhe correm as ribeiras do Leite e Vascão; e vão despejar as suas águas em Guadiana que as leva consigo ao mar.

Esta vila é da Casa de Vila Real, por respeito de D. Maria Freire, filha e herdeira de João Freire, senhor de Alcoutim, a qual casou com D. Fernando de Meneses, segundo marquês de Vila Real, El-Rei D. Manuel estando em Muja, depois de fazer conde de Alcoutim este D. Fernando acima dito, que foi filho de D. Pedro, primeiro marquês de Vila Real, lhe fez graça e mercê deste condado e título de juro, de maneira que os filhos legítimos mais velhos do Marquês de Vila Real se intitulassem condes de Alcoutim por esta ordem: e foi depois D. Pedro, filho deste D. Fernando, e D. Miguel, filho deste D. Pedro, e D. Manuel de Meneses, irmão deste D. Miguel que por sua morte é agora Marquês de Vila Real e Conde de Alcoutim.

Nesta vila Alcoutim e seu termo, que parte com o de Mértola, se acaba o reino do Algarve da banda do levante e começa a provincia Dantre Tejo e Guadiana. E aqui faz volta ao poente por entre as serras do mesmo Algarve e o Campo de Ourique té se ir a meter no mar oceano, junto de Odemira e de seu rio. Nesta paragem, que é o sertão deste reino, há muitas vilas e outros lugares, mas alguns não de muita importância por causa da terra ser montuosa e falta de águas no Estio e também de pão, que é o que dá alento e forças aos lavradores e outros homens para se ajuntarem e fazerem grandes povoações. Há, porém, muitos fatos de gado de toda a sorte, que pastam por toda ela e se criam em suas ribeiras, os quais dão não pouco refrigério aos caminhantes com sua vista, leite, queijo, se é tempo dele. E, como isto assim seja, não gastarei tempo em fazer tão particular memória delas como fiz das do marítimo, onde jaz o principal do Algarve, mas passarei com as nomear pela ordem em que elas estão situadas, quanto me for possível, como o fizeram os geógrafos antigos que com só isto se contentaram inda nas principais de todo ele.

A aldeia de *Martim Longo* é o primeiro lugar que se oferece nesta volta que fazemos pelo sertão, do levante para poente; é lugar grande e abastado, porque tem boas terras de pão e de criações. É termo da vila de Alcoutim, nove léguas dela pela serra dentro. Haverá nela como quatrocentos vizinhos, muitos deles homens ricos pera a terra e que acodem a qualquer rebate de Mouros não com menos concerto que os que moram na cidade.

Vale do Chopó é um lugarete de quarenta vizinhos, termo de Alcoutim.

O *Pereiro* é ãa aldeia de trinta vizinhos, termo de Alcoutim.

Aldeia dos Giões terá cinquenta vizinhos, é termo de Alcoutim.

Moncarapacho é um lugar pequeno, duas léguas de Tavira, cujo termo é. Mas tudo ao redor de si tem povoado de quintas, em que continuamente mora muita gente fidalga e outros homens honrados que vivem por suas fazendas. É terra abastada, porque nela se colhe o principal figo e azeite de todo o Algarve. Tem ãa igreja grande e boa, provida de todo o necessário, e fazem-se os ofícios divinos nela com tanta perfeição como dentro em Tavira. Tem também Casa de Misericórdia e é toda gente lustrosa e de opinião e que aos repiques dos Mouros, que pelo Verão muitas vezes nestas partes há, não são os derradeiros que acodem.

A *Fonte do Bispo* é um lugar de cento e cinquenta vizinhos, duas léguas de Tavira pelo caminho de Loulé. É terra fresca, de boas águas, e toda povoada de quintas, com muitos figueirais, amendoais, vinhas e terras de pão que a fazem alegre e abastada.

Salir foi antigamente vila castelada, edificada num teso que fica alteroso da banda do norte e do poente, donde lhe cai ãa fermosa Varzea de pão, das melhores que há dentro nas serras do Algarve. Tem inda alguns pedaços de muro com seus cubelos, mas já tudo arruinado. Moram dentro alguns poucos lavradores e os mais estão espalhados pela serra e acodem os dias santos e ãa freguesia, que junto do castelo está, invocação de São João Bautista. Haverá em toda ela trezentos fogos e é termo de Loulé, duas léguas pera o norte.

Paderne é um lugar de setenta vizinhos, termo de Loulé. Acham-se junto dele sinais de edifícios antigos, como que foi já em algum tempo povoação de mais importância. É terra fresca e de criações.

Pera é um lugar junto de Alcantarilha, não longe do mar. Jaz no termo de Silves e terá quarenta vizinhos, todos lavradores, por ser terra de pão e que toda se semea. Faz o mar defronte dela ãa fermosa praia da banda do sul, na qual está ãa armação de atuns que se chama a armação de Pera.

Monchique é um lugar, quatro léguas de Silves, cujo termo é, e cai-lhe da banda do norte, à vista da mesma cidade. O sitio deste lugar parece maravilhoso a todo o homem que considera os segredos da natureza, a qual repartiu todas as cousas e as pôs em seus divididos lugares pera ornato e conservação do Universo. A graça e recreação que tem Sintra, na província da Estremadura, e serra da Estrela, em toda a Beira, essa podemos dizer que tem Monchique em todo o reino do Algarve, porque nele somente, Inverno e Verão, correm os mesmos ares, nacam as mesmas águas, se acha todo o género de fruta, isto é, a cereja, a castanha, o pero, a laranja e todo o mais que costuma recrear e dar deleitação à natureza humana. E tanto mais tenho isto por maravilhoso neste lugar, quanto toda a outra terra, assim a que jaz em torno como a que está mais apartada, por espaço de quarenta léguas, carece desta fresquidão e parece que dá a entender que só neste lugar ajuntou a natureza o que negou às outras partes do Reino - Tem Monchique, ãa légua de si, uns banhos de água saudável aos quais, por conselho dos físicos, se foi a banhar el-rei D. João, o segundo deste nome, não faltando em Portugal outros mais perto em que isto pudera fazer.

O ano de mil quinhentos e setenta em que el-rei D. Sebastião visitou o Algarve, foi a este lugar e se e se satisfez muito da sua frescura e se tratou de o fazer vila; e el-rei a fizera, sem dúvida, se não houvera quem disso o remontou por seu interesse.

Mixilhoeira Pequena terá trinta vizinhos, está pegada com o rio de Vila Nova, um tiro de bombarda da mesma vila, da banda do nascente. É termo de Silves, lugar aprazível e de muita

pescaria e marisco. Neste lugar se embarca o mais figo do Algarve e o porto onde o embarcam, que está junto das casas, tem cem braças de altura, o que se não acha noutra parte algũa de todo este rio.

Mixilhoeira Grande está mais adiante, no rio do Alvor; terá trezentos vizinhos. Tem muita água, caça e marisco e é termo de Silves.

Porches está duas léguas de Silves, cujo termo é. Lugar de quarenta vizinhos, terra de pão e criações.

A *Bordeira* é um lugarinho de quarenta vizinhos, termo de Lagos.

Budens terá outros tantos vizinhos, como *Bordeira*, e também é termo de Lagos.

Aldeia do Bispo está légua e mea do cabo de S. Vicente, terá sessenta vizinhos. É lugar de boas águas, e sadia, e tem muitas criações.

A *Raposeira* é ãa aldeia, mea légua do cabo, terá cem vizinhos e é termo de Lagos.

Aljezur é ùa vila situada no alto, mea légua do mar, onde se mete ùa ribeira do mesmo nome, que faz um pequeno porto, dobrando já o cabo pola costa do sul para o norte. Terá duzentos vizinhos. É terra de muitos e bons vinhos e criações de gado de toda a sorte, mas no Verão é pouco sadia.

O *de Seixes* é o derradeiro lugar que o Algarve tem ao longo da costa, do lado do poente pera o norte, cujo termo chega a Odemira, que é o primeiro lugar de Portugal. Tomou o nome d'ũa ribeira que não longe se mete no mar e nele faz ãa pequena barra em que há embarcação. Terá oitenta vizinhos e é termo de Aljezur.

Afora os acima ditos há no reino do Algarve outros muitos lugares como são Sines, Vila Nova de Mil Fontes, Benfali, os Colos, a Murteira, a Carrapateira, Algoz, Carvoeiro, o Freixo, Pena Grande, a Peninha, a Nave Redonda, Alte, Quarteira, Marim e as Alcarias e A dos Pretos, dos quais não faço aqui mais particular memória por não ter inteira notícia delas e me parecerem de menos importância.

No situar de todas estas terras do reino do Algarve segui, quanto me foi possível, as paragens em que cada ùa delas está discorrendo, primeiro polas que jazem na costa do mar de poente a oriente e depois, dando volta, pelo sertão, em busca das que se esconderam entre suas empoladas serras; e, se com tudo isto o leitor achar algũa cousa das que eu aqui digo estar menos verificada do que lhe a ele parece, lembre-se que somos homens, aos quais é mais próprio o errar que acertar, em especial nesta matéria, pola muita dificuldade que todos os geógrafos acharam nela.

Fim do Primeiro Livro

LIVRO II

*De, por e em que tempo foi conquistado
o reino do Algarve daquém-mar, havendo mais
de quinhentos anos
que era possuído dos Mouros*

Capítulo 1.

Do tempo em que se perdeu Espanha e se começou a recuperar pelos Cristãos e com ela o reino do Algarve.

Na geral perdição de Espanha, que foi no tempo do infelice rei D. Rodrigo, derradeiro dos Godos, cujo reino começou o ano de nossa redenção de 712 e durou sete e meio, se perdeu também o reino do Algarve daquém-mar, que é úa parte dela. O qual rei D. Rodrigo, pelejando com os Mouros na derradeira batalha que com eles houve, que começou em domingo, nove dias andados de Setembro de 714, e durou té o domingo seguinte, foi no fim dela vencido morto; ou, segundo outros dizem, desaparecido da mesma batalha, em maneira que não se achou mais memória dele senão em Viseu, cidade de Portugal, um leteiro que dizia assim: **Aqui jaz D. Rodrigo, derradeiro rei de Espanha.**

Passados seis anos depois deste geral dilúvio se começaram a juntar e fazer corpo alguns cristãos, que às Astúrias de quasi toda Espanha se foram retirando e escaparam, por ser terra montuosa e áspera, e levanta ram por rei a D. Pelaio, filho de D. Fávila, duque que fora de Cantábria, que é Navarra *. E com o favor divino começaram a tornar sobre si e fazer rosto aos Mouros e ganhar alguns poucos lugares dos muitos que eram perdidos.

Este D. Pelaio, que depois se intitulou rei de Leão, foi o primeiro que fez resistência aos Mouros depois da redadeira batalha em que se perdeu el-rei D. Rodrigo, do qual contam as crónicas que, estando escondido numa cova, nas Astúrias, com quasi mil companheiros, foi nela pelos Mouros achado e combatido, primeiro com rezões e afagos polo inclinarem à sua seita e depois com as armas para o destruírem. Mas o Senhor piadoso, que já como pai açoutara a seu povo, provocado por seus pecados, e o queria tornar a reconciliar à sua amizade, mostrou ali suas misericórdias com milagre singular. E foi que todas as setas, dardos e pedras que os Mouros tiravam à cova para matar os cristãos, que nela estavam, se tornavam a eles e os feriam e matavam. O que vendo D. Pelaio saiu da cova com seus companheiros e matou deles mais de trinta mil, e os que escaparam subiram-se a um monte pera ali se fazerem fortes, e, por vontade do Senhor, que já favorecia seu povo, caiu o monte com eles e matou a todos sem ficar algum deles. E, seguindo os Cristãos esta vitória, ganharam em pouco tempo a cidade de Leão, nas Astúrias, e todas as outras terras suas comarcãs, de que logo este D. Pelaio se intitulou rei, como já é dito. Desta vitória tomaram ousadia outros cristãos da província Tarracona, que é Aragão, e da Cantábria, que é Navarra, os quais também se haviam retirado aos montes Pirineus, cujos vizinhos eram, pera sair de seu desterro e dar com impeto nos inimigos, que estavam apoderados e feitos senhores de suas terras e herdades. Pera o que melhor efetuarem levantaram por rei a um cavaleiro nobre de antre eles, chamado Gracia Ximenes, o ano do Senhor 722, oito anos depois da geral perdição de Espanha, o qual, com o favor divino e bom esforços de seus companheiros, ganhou o reino de Navarra e se intitulou rei

dela por consentimento de todos. E assim por esta maneira o fizeram outros muitos cristãos andando o tempo, e daqui sucedeu dividedir-se Espanha em diversos reinos e senhorios, sendo primeiro, em tempo dos Romanos e depois dos Godos toda junta ãa só monarquia. Nesta sucessão dos tempos veio a reinar em Castela e Leão el-rei D. Fernando o 2o., no ano de nossa redenção 1216, no qual estes dous reinos se tornaram a ajuntar a segunda vez. Este rei houve muitas batalhas com os Mouros; em ãa delas lhe tomou a cidade de Córdoba, no ano de 1235, na qual achou os sinos que el-rei Almançor mandara tirar da igreja do apóstolo Santiago, em Galiza, em desprezo dos Cristãos, e os mandou tornar a ela com muita festa e alegria. Na tomada desta cidade dizem as crônicas que se achou presente D. Frei Paio Pires Correa, português de nação e mestre da Ordem de Duques, que agora é de Santiago, em Castela, pessoa nobre e de grande casa, guerreiro singular contra os Mouros, imigos de nossa santa fé, ao qual el-rei a deixou encomendada, tornando-se a Castela, pera que a governasse e defendesse.

Desejava muito este rei D. Fernando tomar aos Mouros a cidade de Sevilha e província Andaluzia, que toda era de Mouros naquele tempo e, na volta que faz a Castela, deixou isto muito encarregado a D. Paio Correa e a um D. Rodrigo Alvres, asturiano, mandando-lhe que nesta empresa pusessem todas as suas forças. Os quais, querendo satisfazer aos desejos del-rei se e ao que lhe deixava encomendado, partiu-se D. Paio Correa para S. Lucas de Barrameda e D. Rodrigo Alvres pera Alcala de Gudalaxara, onde, com muitas gentes que consigo levavam, guerreando continuamente, puseram a cidade em todo o aperto que o rei dela, constringido de necessidade, lhe deu grande quantidade de ouro por tréguas de um ano que os ditos fronteiros lhe prometeram. Neste ano semeavam os Mouros o mais do pão que tinham na cidade com fundamento de colher muita novidade pera alguns anos, com que depois pudessem suster a guerra que os Cristãos lhe fariam. Disto foi logo el-rei avisado, e não havendo por boas as tréguas que os fronteiros com os Mouros tinham feito, ajuntou muita gente e vindo-se em Sevilha com os mesmos fronteiros pôr cerco sobre a cidade, que durou dezasseis meses, no fim dos quais se deram os Mouros, com seguro das vidas, em dia de S. Clemente do ano de 1248. E neste meio tempo da tomada de Córdoba e Sevilha, que foram treze anos, os quais o mestre D. Paio Correa esteve por fronteiro na Andaluzia, não cessava de fazer continua guerra aos Mouros, e ora os acometia nãa parte ora noutra, em maneira que os enleava e em nenhum lugar estavam seguros nem se sabiam dar conselho com ele. E, nas muitas entradas que por suas terras fez, foi da na Lusitânia, junto do Campo de Ourique, na qual tomou a vila de Aljustrel, e noutra, a de Mértola, que em seu sítio e fortaleza está não pouco arriscada. As quais el-rei de Portugal, que então era D. Sancho Capelo, assi chamado por causa de um certo vestido de que usava, logo mandou pedir a el-rei D. Fernando, seu primo com irmão, por serem de sua conquista. El-rei D. Fernando mandou logo ao Mestre que lhas entregasse, e ele, polas almas de seus antepassados e amizade grande que com o Mestre tinha, as deu a Ordem e Mestrado de Santiago, como na mesma doação parece, cujas inda, ao presente, são.

Capítulo 2.

De como D. Frei Paio Correa, Mestre de Santiago em tempo del-rei de Castela, D. Fernando o 2º, tomou aos Mouros Estômbar e Alvor, no reino do Algarve.

No mesmo tempo que o mestre de Santiago, D. Paio Correa, esteve por fronteiro na província Andaluzia, segundo já é dito, trabalhou muito por tomar algũa fortaleza aos Mouros, no reino do Algarve, que tinha por vizinho, confiado que, como nele metesse o pé, como dizem, e tivesse onde recolher a gente que a ele levasse, tudo o mais lhe seria menos dificultoso. Estes desejos comunicou por algũas vezes com seus cavaleiros, em que não achou conforme parecer, porque alguns recusavam a empresa pola aspereza da terra e ser muito povoada e os Mouros terem socorro polo mar, que lhe viria d'Africa, todas as vezes que o houvessem mister. Mas o Mestre, cujo coração era já favorecido da graça do Senhor pera este negócio, deliberou consigo não deixar de o levar ao cabo, por dificuldade algũa que nisso lhe fosse posta, e falou em segredo com um Gracia Rodrigues, mercador, que tratava neste Algarve com os Mouros e com os Cristãos suas mercadorias e nisto andava corrente e lhe dixe que seus desejos eram, com a ajuda do Senhor Deus e por seu serviço, cobrar dos Mouros este reino do Algarve, se pudesse, pera o que havia então singular conjunção e aparelho, pelas discórdias que sabia de certo que havia antre os reis e senhores dele e que, se o já não tinha cometido, era porque não sabia a terra nem por onde lhe convinha fazer as primeiras entradas; e que pois ele tudo isto bem sabia, lhe quisesse dizer seu parecer verdadeiro, como bom cristão e homem em cuja conta ele o tinha. E Gracia Roiz, em quem havia bom entendimento e jurou, lhe deu logo pera isto tão bom concelho e ardil e também aviamento de tudo o que pôde, que o Mestre se persuadiu e apartou logo alguns dos seus corretores, por maneira d'almoguavaria, e os mandou diante, com instrução de Gracia Rodrigues, a considerar a terra e fazer nela algum salto, onde melhor lhe parecesse. Os quais partiram d'Aljustrel, donde o Mestre estava, e passaram pela Torre d'Ourique e andaram noite com muito tento por não serem dos Mouros sentidos, e o primeiro lugar a que chegaram foi a Torre d'Estômbar, e, considerando com diligência a gente e guarda que nela havia, entenderam que estava desaparecida e sem algum receio de Cristãos, pelo que deram de súbito nela com o maior ímpeto que puderam e aprouve ao Senhor Deus que sem muita força ou perigo foi logo tomada. Esta nova mandaram logo ao Mestre, que não com menos alegria que pressa fez prestes seus cavaleiros com que logo partiu, levando suas guias diante pera descobrirem a terra, e, chegando à Torre, houve prazer com os seus louvando-lhe seus esforço e valtenia. Dali a poucos dias foi sobre a vila de Alvor e a tomou e povoou de Cristãos pera que a possuíssem e defendessem.

Como o Mestre foi em posse destes dous lugares e teve onde recolher suas gentes e mantimentos, deles fez tanta guerra e damno aos Mouros que moravam em Silves e sua comarca, que, vendo-se perseguidos e que não podiam lavrar suas terras nem sair fora senão todos juntos, fizeram consultar antre si e cometeram ao Mestre que, se quisesse, lhe dariam

Cacela, junto com Tavira, por Estômbar e Alvor que lhe tinha tomado. O que os Mouros nisto pretendiam era que, como estes lugares estavam em meio do Reino e mais juntos do cabo que agora chamamos de S. Vicente, onde então a terra era mais povoada, recebiam e podiam receber, ao diante, dos Cristãos mais damno que de Cacela, que era mais no fim da terra e estava junto com Tavira, que era lugar forte e de grande povoação, cujos moradores e vizinhos, por serem muitos poderiam mais facilmente deitar fora e tornar a tomar a vila aos Cristãos. Desta troca aprouve também ao Mestre, por Cacela ser lugar forte sobre o mar e naquele tempo bem cercada, polo que logo se mudou pera ela e lhe deixou livres os outros lugares.

Capítulo 3.

Recontros o Mestre D. Paio Pires Correa teve com os Mouros, estando em Cacela, nos quais foram vencidos e desbaratados.

Aposentado o Mestre em Cacela com toda sua gente e posta nela toda boa guarda e provisão necessária, logo se fez prestes pera ir sobre o lugar Segã Paderne, que sabia estar menos aprecebido; e porque, como que os Mouros antre si havia muito tempo que tinham grandes diferenças e desconcertos, porém a necessidade e perigo em que os pôs a ida do Mestre ao Algarve lhe causou que logo foram amigos pera com iguais corações defenderem suas pessoas e terras. Pelo que sabendo os Fárão, Tavira e outros lugarinhos comarcãos que o Mestre era saído de Cacela com sua gente a correr a terra, como tinha por costume, avisaram os de Loulé pera que, o dia seguinte, todos juntos, lhe tomassem o passo e se encontrassem com ele. E o outro dia, em amanhecendo, logo se ajuntaram todos sobre este acordo e foram dormir contra a serra, a um lugar a que chamam o Desbarato. O Mestre e os seus, caminhando toda a noute, nada disto sabiam e, porque as escutas que adiante levava sentiram rumor de gente, não quis o Mestre ir mais adiante, mas fez sinal que repousassem. E, como foi manhã, o Mestre, com sua singular e costumada destreza, ordenou toda sua gente em esquadrões e, guiados de sua bandeira que ia diante estendida, não andaram muitos passos quando houveram vista dos Mouros, que jaziam num vale embrenhados, os quais, vendo a pouca gente que o Mestre levava em sua comparação, foram muito alegres e cobraram grande esforço e ousadia, tendo certo que a vitória ficaria com eles. Isto não permitiu o Senhor que fosse assim, porque o Mestre, cuja confiança não estava nos homens posta senão em só Deus, por cuja honra e fé pelejava contra os inimigos da verdade, deu logo neles Santiago, sem mais tardar, e a batalha foi tão bem pelejada d'ambas as partes que a vitória esteve duvidosa por grande espaço. Ao fim os Cristãos apertaram tão esforçadamente com os Mouros que não puderam mais sofrer, mas voltando as costas fugiram com desacordo cada um por onde melhor podia, ficando muitos deles mortos e feridos, sem se poderem bulir. Outros se recolheram a um lugar a que chamam o Furadouro, caminho da Fonte do Bispo, e o Mestre com os seus se tornou ao lugar da batalha e não quis seguir mais o alcance por ver sua gente muito cansada do trabalho passado e logo aquela mesma tarde os que fugiram da batalha se ajuntaram com outros muitos que a eles se vinham e lamentando sua desventura mostraram grande tristeza do desbarate passado, em especial os de Tavira, por verem que cobraram por vizinhos homens de tanto esforço. Havendo antre si conselho sobre o que fariam disseram alguns deles: «Estes Cristãos já nos não temem nem têm em conta, como vedes, e isto não se, caisa, pois que por nessa fraqueza ou desventura sempre neles nos apartamos vencidos. Mas contudo esforcemmo-nos e não desmaiemos de todo, porque mais acostumado é nos que seguem o exercício da guerra serem muitas vezes de uns mesmos vencidos e nãa só batalha

restaurarem todo o perdido e mais ficar ainda de ganho. Isto, se bem se bem o consideramos, não pode deixar de ser agora, pela conjunção a que somos vindos. Os Cristãos, muitos deles estão feridos e todos cansados e ainda seguros pela vitória que de nós houveram, parecendo-lhes que já em nós não há forças pera lhe resistir e muito menos pera os acometer. Ajuntemo-nos todos e, em amanhecendo, mais tardar, demos sobre eles, porque este é o dia em que os havemos de desbaratar e deitar fora de nossas terras.» E, vindo todos neste parecer levantaram-se de madrugada e foram-nos esperar ao Almarjem, caminho de Cacela, por onde sabiam que haviam de passar.

O Mestre, que destes conselhos não podia ser sabedor, como foi menhã, começou com os seus a marchar pela serra caminho de Cacela e já sobre a tarde chegou ao lugar onde os Mouros o esperavam. E não levava já toda sua gente, porque muita dela mandara ao Monte, onde agora é Castro Marim, a recolher alguns dos seus que passavam pela ribeira. E logo em os Mouros tendo vista do Mestre saíram a ele com tão grande ímpeto e grita que o puseram em grande perigo e trovação mas recobrando sobre si, como quem em semelhantes casos andava versado não sem grande trahalho retirou sua gente atrás pera um oiteiro que a serra faz contra Tavira, que depois foi chamado o Cabeço do Mestre, onde pola fortaleza e boa disposição do lugar ficaram algum tanto mais seguros. Os Mouros chegando-se ao Outeiro o combatiam rijamente e com tanto esforço trabalharam por deitar dele o Mestre com os seus, que, se a noite não sobreviera, que os apartou, eles sairiam com a sua, como tinham dito, se o Senhor d'outra maneira o não ordenara. Afastados os Mouros, constrangidos pela escuridão, alojaram-se ao pé do outeiro, com detriminação de, ao outro dia, em amanhecendo, darem fim ao que tinham começado. O Mestre, logo como foi noite, visto o perigo em que estava, mandou a Cacela com grande presteza pedir socorro e, como era perto, logo essa mesma noite lhe veio. O que sentindo os Mouros que não longe estavam e tinham suas espias, cada um se acolheu a sua casa, antes que amanhecesse, no qual houveram bom conselho, porque o Mestre tinha detriminado, com o socorro que lhe veio, dar sobre eles o outro dia, como fez; mas achando-os já postos *em salvo* se tornou em paz e com alegria pera Cacela.

Capítulo 4.

Da morte dos sete cavaleiros e de como o Mestre tomou Tavira.

Vendo-se os Mouros, em especial os moradores de Tavira e seus comarcãos, perseguidos do Mestre e que em nenhum lugar estavam seguros dele dele houveram ante si conselho e acordaram de lhe mandar de e acordaramde lhe mandar pedir tréguas té o mês de Setembro, porque era já entrado o mês de Julho, em que lhe era necessário recolher o pão e fazer seu alacil do figo e vendima, o que não ousavam fazer com medo do Mestre e de suas gentes. Não enjeitou o Mestre este requerimento, posto que, ao conceder dele, se mostrasse aos Mouros carregoso, porque lhe pareceu ter necessidade deste tempo pera se recrearem os seus dos muitos trabalhos passados e também pera se perceber de mais gente pera o que detriminava, pelo que lhe mandou logo passar suas certidões, que nos tais casos se costumam. E sendo os Cristãos e Mouros seguros, por rezão destas pazes, começaram a comunicar-se uns com os outros no que lhe compria. Mas elas duraram pouco e não chegaram ao termo por eles assentado e a causa foi esta. D. Pedro Pires, comendador-mor de Santiago, que andava em companhia do Mestre, disse um dia a outros cavaleiros que, por seu desenfadamento, pois estavam em tréguas, deviam ir caçar às Antas, que eram dali três léguas, para o que tinham boas aves de altenaria. O Mestre, sabendo disto, não foi disso contente, como pessoa prudente e recatada, e disse-lhe que escusassem a ida, porque os Mouros, por suas condições, não eram menos ciosos de suas terras, que de suas próprias mulheres e que, com qualquer ocasião, sendo homens sem fé e verdade, lhe poderiam fazer algum damno que custaria depois caro. Ao qual o comendador-mor tornou dizendo que, pois estavam com eles em tréguas pelos mesmos desejadas e requeridas, não havia que temer e que, pera mais resguardo, eles nim à caça aparelhados de paz e de guerra, que escolhessem eles qual quisessem.

Com esta confiança partiu de Cacela D. Pedro Pires com outros cinco companheiros e, tomando o caminho direito por Tavira, entraram pela ponte e atravessaram pelo meo da praça e porto da vila, a cavalo, com seus açores e outras aves de caça em suas mãos; e foram ter às Antas, ãa légua de Tavira, onde começaram a caçar com muito prazer e contentamento.

Os mouros vendo-os passar por suas portas, a cavalo, tão seguros, e parecendo-lhes, como gente apoucada, que o faziam em seu desprezo, receberam grande dor; porque sua vista lhe refrescou a memória de muitas mortes e outros danos que por muitas vezes deles em suas pessoas e terras tinham recebido. E, ajuntando-se alguns, disseram com grande dor a outros: «Certamente os homens que sofrem tanta afronta e desprezo, como estes cristãos com ousadia e soberba nos fazem, são mais que mortos e mostram que não têm vergonha nem coração e que carecem de verdadeiro juízo. Vós não vedes estes homens, que são nossos imigos e nos têm feito tantos danos e afrontas em nossas mesmas pessoas e terras, que assim passam por nossos portos, seguros e sem receo, como se a vila fora sua, fazendo de

nós bestas e sem sentido ?». Ao reboiço destas palavras se ajuntaram logo muitos, com grande alvoroço, e detriminaram ir, como logo foram, muito indinados, em busca dos cavaleiros cristãos que andavam caçando com muito gosto, bem fora de cuidar o que se lhes aparelhava. Os quais, como os viram vir ao longe, com grande pressa e estrondo, logo suspeitaram o que podia ser; e, deixadas as aves e seu desenfadamento ocioso, se ajuntaram e falando antre si disseram: «Claro vemos que estes Mouros vêm sobre nós e o principal remédio que nisto temos nos há-de vir de Deus, o qual por sua grande piedade tenha por bem de nos socorrer e esforçar neste trabalho. O conselho mais acertado que j'agora podemos ter é que nos forcemos como cavaleiros a sofrer qualquer afronta que nos vier; e aprazerá ao Senhor Deus, pois somos cristãos e pelejamos por sua fé, que não somente nos defenderemos destes imigos da verdade, mas que também os venceremos; e, quando ele d'outra maneira o ordenar e não pudermos salvar as vidas, vendamo-las por seu justo preço e hajamo-las por bem empregadas, pois as oferecemos em cousa de santo seu serviço.» Isto dito, mandaram logo um recado ao Mestre, com grande pressa, fazendo-o certo do perigo em que ficavam e pedindo-lhe que os quisesse vir a socorrer : e para que entretanto se pudessem defender, fizeram um palanque de paus de figueiras velhas, que acharam, onde logo se recolheram todos seis. Os Mouros, em chegando, os acometeram com grande força e acharam neles, inda que poucos, esforço e resistência; e não tão facilis de entrar como cuidavam. Nesta conjunção acertou de passar pela estrada Garcia Rodrigues, o mercador, com que o Mestre se aconselhara sobre a vinda do Algarve, como atrás fica dito, o qual ia de Fárão pera Tavira com suas mercancias, segundo costumava, e, vendo o ajuntamento e reboiço dos Mouros, seguiu o fio deles para saber o que podia ser. E, achando os cavaleiros cristãos em tão grande trabalho, tocou-lhe o espírito do Senhor e tornou depressa adonde deixara as cargas e disse aos que consigo levava: «Ide vosso caminho e levai essas cargas e parti-as antre vós, cá, se eu viver, não me faltará a misericórdia do Senhor, e também, se morrer, melhor sorte será a minha, pois acabo em seu serviço.» Isto dito, deu a correr e deitou-se dentro do palanque com os cavaleiros cristãos, oferecendo-se ao mesmo perigo, os quais foram com ele muito esforçados, e os ajudou por espaço do dia em que se defenderam, rodeados dos imigos, dando e recebendo muitas feridas, sem repouso algum nem poderem dar fé uns do que os outros faziam. Mas, como eram não mais de sete e as forças com a continuação do trabalho lhes falecessem, foi seu palanque entrado e eles todos sete mortos, dando fim a suas vidas, como esforçados cavaleiros de Cristo, nosso redentor, a troco d'outras que lhe duram pera sempre. Os que não fizeram sem boa vingança dos imigos, ficando por testemunha desta verdade muitos corpos de Mouros naquele lugar, daqueles que mais se lhe atreviam.

Não en inda esta contenda acabada, quando chegou o recado ao Mestre, em Cacela; donde logo partiu sem tardança, com de os socorrer; porque bem sabia que os cavaleiros eram tais, que sem nenhum desfalecimento de suas honras ou haviam morrer pelejando ou aos imigos. E seguiu o caminho por onde eles foram, porque este era o mais direito, e sem contradição algũa, entrou pela vila e praça dela com toda sua gente; e tão aceso ia no desejo de os livrar que não lhe alembrou que, nesta conjunção, a pudera tomar sem algum perigo ou, porventura se lhe lembrou, o que é mais de crer, o dissimulou por então, estimando em mais como bom capitão, a perda de seus cavaleiros com cujo favor e ajuda podia tomar esta e

outras muitas, como já tinha feito. E, chegando às Antas e vendo-os mortos, rodeados de corpos de Mouros, foi muito anojado de tão feo caso, e com grande ímpeto de ira deu logo sobre muitos Mouros que inda ali achou e matou tantos que a ossada deles durou ali por longo tempo. E a outros que fugiram foi seguindo ao alcance, fazendo neles grande destroço até chegar à vila, cujas portas acharam fechadas pelos que dentro ficaram e somente lhe abriram um postigo escuro que está contra Malforo, junto donde agora se edifica um mosteiro do Padre Santo Agostinho, invocação de Nossa Senhora da Graça, sobre que deu o Mestre subitamente com eles e os feriu tão rijo que, não tendo eles acordo para se defender nem cerrar o postigo, entrou de volta com eles e se apoderou da vila, não sem grande estrago dos Mouros. Era, a este tempo, senhor dela um mouro por nome Albenfalila, do qual não se soube se morrera nestes encontros ou se fugiu para outra parte onde mais não fosse visto. De maneira que esta batalha e a morte dos cavaleiros e a tomada da vila tudo foi junto num dia, que foi 11 de Junho, dia do apóstolo S. Bemabé, de 1242, no qual se faz solene procissão na mesma cidade, em memória deste benefício. E apoderado já o Mestre da cidade e posto nela bom recado, foi-se às Antas pelos corpos dos sete cavaleiros e com muitas lágrimas e suspiros os mandou apartar d'antre os Mouros e os trouxe consigo. Havia na cidade uma mesquita edificada no mais alto dela; esta mandou o Mestre consagrar e a dedicou à gloriosa Virgem Maria Nossa Senhora e nela mandou pôr os corpos destes seus cavaleiros num sepulcro de pedra grande e bem lavrado, em que foram entalhados sete escudos com as vieiras e armas do apóstolo Santiago. Os nomes dos cavaleiros são estes: D. Pedro Pires, comendador-mor de Santiago, em Castela, Mem do Vale, Durão Vaz, Álvaro Garcia, Estêvão Vaz, Beltrão de Caia e o mercador Garcia Rodrigues. São tidos em muita devação de todo o povo da terra e, ao presente, está seu sepulcro sobre o altar da mão esquerda coeltral à capela-mor; e isto não sem muita razão, pois derramaram o seu sangue, como os mártires, por defesa da verdadeira fé de nosso redentor Jesu Cristo, com o qual é de crer que reinam agora em sua glória.

Capítulo 5.

Aparecimento que estes santos cavaleiros fizeram a el-rei D. Afonso de Castela, tendo cercada Tavira, com que levantou o cerco e se tornou a Cacela.

El-rei de Portugal, D. Afonso, o quarto deste nome, casou o infante D. Pedro, seu filho, com D. Branca, filha d'el-rei D. Afonso de Castela e Leão, que já era seu genro, e, vindo a infante a Portugal, achou-se que era muito enferma, pelo que o infante tomou muito desgosto dela em maneira que foi tornada a Castela onde se meteu freira no mosteiro das Huelgas de Burgos. Depois disto tornou o infante a casar com D. Constança, filha de D. João Manuel, principal senhor de Castela, que rei não fosse, do que el-rei de Castela nada ficou contente, posto que em suas palavras e cartas mostrasse o contrário, e trabalhou quanto pode pelo estorvar; té inda depois de já feito impedir a vinda da mesma infante a Portugal, de que naceram desgostos e contendias entre ambos estes reis, sogro e genro, que duraram alguns tempos. Durando estes enfadamentos, el-rei de Portugal entrou por Castela e D. Pedro, seu irmão [seu filho], por Galiza, onde fizeram muito damno assim nos Castelhanos como em suas terras. El-rei D. Afonso de Castela também passando o Guadiana por junto de Alcoutim, por ùa ponte de barcas que mandou fazer, pôs cerco sobre a vila de Crasto Marim, onde naquele tempo estava o convento do Mestrado de Christus e, polo lugar ser em si forte e ter boa gente que o defendia, levantou-se e passou diante a Tavira e cercou-a com todo seu exército. Ele pousava no mosteiro de S. Francisco da mesma cidade, junto do qual tinha o melhor de sua gente. A um sábadado de madrugada corria a vila em torno, considerando por onde melhor a bateria: o qual feito, tornou-se ao arraial a concertar sua gente por affectuar seus desejos, e chegando à porta do mosteiro, onde poisava, acertou de olhar para a vila e viu estar sobre a igreja de Santa Maria, que dali parece toda, sete homens de grandes corpos, vestidos todos de branco, com bandeiras nas mãos da mesma cor e nelas as armas do apóstolo Santiago. El-rei, vendo isto, foi muito espantado e mandou chamar o guardião da casa, que era homem antigo e sabia dar rezão do que lhe perguntavam, e contou-lhe o que vira, pedindo-lhe muito que nisso lhe quisesse dizer o que entendia. O guardião, sem nisso mais cuidar, lhe respondeu, dizendo: «Senhor, aqueles sete homens, que vistes sobre a igreja, são sete cavaleiros que morreram mártires por nossa fé, quando esta terra se tomou aos Mouros; e seus corpos estão sepultados naquela igreja sobre que os vistes, onde o Senhor por eles tem feito muitos milagres; e temos confiança em seus merecimentos que, enquanto aqui estiverem esta terra não será tomada por inimigos nem sairá do poder e senhorio em que agora está». Ouvindo el-rei esta resposta tão bem dada pelo velho guardião, pareceu-lhe bem e, por devação dos santos mártires, não quis bater a vila nem ir mais adiante em seu propósito, mas logo se tornou para seu reino, sem fazer mal algum em Portugal.

Capítulo 6.

Como o Mestre D. Frei Paio Pires Correa tomou aos Mouros Salir, Alvor, Estômbar e a cidade de Silves.

Muito contentamento recebeu o Mestre com a tomada de Tavira, por ser a principal cousa do Algarve em povoação, bom sítio e fortaleza, e, considerando que o Senhor notavelmente o favorecia e que por seu meo era servido libertar aquele povo e tirá-lo do poder dos Mouros e torná-lo ao grémio de sua Igreja, como antes fora, não se descuidou de tão gloriosa empresa, mas todos os meos pera isto haver efeito buscava, com muito cuidado e diligência. Pelo que, depois de deixar Tavira abastecida de todo o necessário e com boa guarda, ajuntou suas gentes e foi sobre a vila de Salir e tomou-a por força, não se podendo defender de sua grande potência. Depois disto foi sobre Alvor, que antes trocara com os Mouros por Cacula, como atrás fica dito, e tornou-a a tomar segunda vez, Dal foi pôr cerco sobre Paderne, que era castelo muito forte e tinha boa comarca antre a serra e Albufeira, e logo despediu parte de sua gente e a mandou correr o termo de Silves, onde, andando alguns dias, tomaram outra vez a torre de Estômbar, que já fora sua. O que ouvindo Albenafão rei daquela terra, que residia em Silves e nela tinha sua corte e aposento, e crendo que com esta gente seria também o Mestre D. Paio Correa, contra quem estava muito irado, ajuntou seu exército e saiu de Silves com propósito de ir sobre ele e o desbaratar. O Mestre, sendo disto avisado, levantou o cerco que tinha posto sobre Paderne e por caminho escuso e desviado se veo pôr sobre Silves, onde lhe tomou todas as portas da cidade, pondo em cada ãa boa guarda de seus cavaleiros. Albenafão, quando soube que na torre de Estômbar não havia mais gente que a que a tomara e defendia, não curou de fazer detença nela, mas fez logo volta sobre Silves, receoso d'algum ardil do Mestre, que bem conhecia. E, querendo-se recolher à cidade, achou tomadas as portas pela gente do Mestre e cometeu entrar por força a porta que dizem da Zoia, que lhe pareceu mais despejada que as outras, e quis logo sua dita que encontrou com o Mestre, que de fora tinha a guarda dela, num campo junto da cidade, onde agora está ãa ermida de Nossa Senhora da Invocação dos Mártires. E logo ambos juntos começaram ãa porfiada peleja em que o Mestre, por ter sua gente dividida em muitas partes e el-rei a sua junta, se viu em grande perigo, carregando toda sobre ele com grande impeto por lhe tomar a porta que defendia. Mas ainda com tudo isso não puderam e trabalharam por se meter debaixo da torre Zoia, que é edificada sobre arcos, a maneira de ponte, saída pera fora dos muros, por que os que encima estavam os ajudassem e defendessem; mas nem isto puderam, porque o Mestre lho defendeu. Os Mouros, que estavam pelos muros e torres da cidade, vendo seu rei à porta e com grande ventagem de gente, cobraram coração e desceram para o recolher, mas os Cristãos, sentindo isto, acudiram com grande esforço e apertaram-nos tanto, que da volta que fizeram pera se

recolher se emborilhou o Mestre também com eles: onde se diz que nesta entrada morreram mais Mouros e também Cristãos que em nenhuma outra parte do Algarve.

El-rei ficou de fora e a porta logo tomada pelo Mestre, e, sendo disto muito triste, andou a cavalo em torno da cidade buscando todas as portas dela, e em todas achou resistência, porque assim o tinha o Mestre provido. E por derradeiro foi-se a um postigo chamado da Traição, que estava no alcácer, que era seu aposento, o qual também achou impedido, pelo que já como desesperado da honra e vida feriu rijamente das esporas ao seu cavalo e fugiu do arraial, mas não da vingança divina, porque, passando o rio, abaixo da cidade, para se deitar da outra banda, deu o cavalo com ele num eego, onde nunca mais foi visto, o qual depois foi chamado o pego de Denamafom, em memória deste acontecimento.

Os Mouros, que na cidade ficaram vivos, recolheram-se ao alcácer e fizeram-se nele fortes pera se defender, mas o Mestre não o quis bater, antes lhe deu seguro que vivessem na cidade, se quisessem, e lavrassem suas herdades, com lhe prometerem obediência e o mesmo tributo antes pagavam ao rei mouro; no que os Mouros logo concordaram e conheceram a mercê e boa obra que nisto do Mestre recebiam. Esta maneira de misericórdia e reconciliação se diz que o Mestre teve sempre nos lugares que tomou no Algarve, cujos alcáceres não batia, dando seguro aos que neles se recolhiam, por que de todo se não despovoassem; e, por esta causa, ficaram muitos Mouros em todos os lugares do Algarve, forros e senhores de suas fazendas e nelas duraram longos tempos.

Já esta cidade fora outra vez tomada aos Mouros por el-rei D. Sancho o 1º, filho d'e-rei D. Afonso Anriques, com ajuda de gentes de diversas nações que, indo em socorro da Terra Santa, entraram no porto de Lisboa o ano de 1189; e logo o dito rei fez nela igreja catedral e mandou celebrar os ofícios divinos. Mas depois disto, em tempo deste mesmo rei D. Sancho, entrou em Portugal, com grão poder, el-rei mouro de Sevilha, chamado Jacob. E, depois de tomar e destruir Alcácer do Sal se for por cerco sobre Silves que pouco havia que fora tomada aos Mouros. E os cristãos, que dentro estavam, depois de muitos trabalhos e mortes e sem esperança de socorro, e deram aos Mouros com partido das vidas e desde este tempo a tomaram a possuir os Mouros té o tempo que o Mestre a tornou outra vez a tomar pela maneira dita acima.

Capítulo 7.

De como o Mestre de Santiago, D. Frei Paio Correa, tomou aos Mouros Paderne e governou todas as terras que no reino do Algarve lhe tinha tomadas té virem em poder dos reis de Portugal.

Logo que o Mestre se viu em posse pacífica da cidade de Silves pela maneira acima dita, pôs no alcácer dela boa gente de guarnição, por que os Mouros que nela ficavam não ousassem rebelar ou tornar atrás do que com ele tinham capitulado. Proveu-a também de todo o necessário, desejando que a terra se fosse melhorando, pela comarca e sítio que nela ria; o que acabado, tomou logo a fazer seu caminho pera a fortaleza de Paderne e, depois de a ter bem cercada, mandou cometer aos Mouros que nela estavam que lhe dessem livremente, e que ele lhe prometia de o fazer bem com eles, como o tinha feito com os de Silves, os quais estavam em suas casas e tinham suas fazendas, livres e contentes como estavam antes. Mas estes, confiados em suas forças e na boa fortaleza que tinham, parecendo-lhe que se poderiam bem defender, não se quiseram dar; pelo que o Mestre os mandou combater rijamente em tal maneira que em poucos dias a vila e o alcácer foram entrados. E por dous cavaleiros da Ordem, que nestes combates morreram, que o Mestre muito sentiu, não os quis o Mestre depois receber a algum partido nem usar com eles de sua piedade consumada; antes mandou que todos andassem a espada, porque o mereciam.

Esta vila Pademe e sua fortaleza foi naquele tempo cousa grande e nobre, segundo mostram inda ao presente as ruínas e vestígios que de seus edifícios ficaram. E alguns escrevendo a razão de sua diminuição dizem que, por o sítio se fazer por tempos doentio e correrem nele maus ares, muitos dos moradores se passaram a morar a Albufeira, por ser mais sadia e estar junto do mar que com sua abundancia e liberalidade que a todos favorece.

E é de saber que todos os lugares acima ditos, que são Tavira, Silves, Alvor, Paderne, Salir, Estômbar e Cacela, o Mestre de Santiago, D. Frei Paio Correia, português de nação, conquistou e ganhou aos Mouros pela maneira acima dita, em tempo d'el-rei de Castela e Leão, D. Fernando, o segundo deste nome, cujo vassalo era, estando por seu mandado por fronteiro na Província Andaluzia, antes que o dito rei ganhasse aos Mouros a cidade de Sevilha, em cuja tomada o Mestre também se achou presente, e é de crer que nela fez cavalarias dignas de sua pessoa. E, tomada Sevilha, el-rei D. Fernando não quis sair mais dela, enquanto viveu, que foram três anos e meo; o qual tempo o Mestre, por mandado do mesmo rei D. Fernando, governou as terras do Algarve acima ditas, afora as suas do mestrado que em Cacela tinha.

E, por morte d'el-rei D. Fernando, herdou o reino de Castela e Leão D. Afonso, o 10º, seu filho, no ano do Senhor de 1252, o qual teve grande familiaridade com o Mestre, por sua muita

cavalaria e virtude, e lhe deu sempre muita parte de si e de suas cousas e o mandou estar e residir no Algarve para conservação e segurança das terras que nele tinha ganhadas; porque havia no mesmo reino inda outras que estavam em poder dos Mouros.